



2018

**MESTRADO PROFISIONAL
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

PROJETO: RELEITURAS DA VIDA

**CARLA BAZILIO DE SOUZA
CENTRO DE ESTUDOS UNIFICADOS
BANDEIRANTE - SANTOS – SP**

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

CARLA BAZILIO DE SOUZA

RELEITURAS DA VIDA

**SANTOS
2018**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	8
1.1 A EJA na Baixada Santista	8
1.2 A EJA e a Arte	11
1.3 As Práticas Docentes	17
1.4 Proposta Triangular.....	25
1.5 As Práticas e a Interdisciplinaridade em Arte	28
1.6 Releitura e Criatividade	30
2 OBJETIVOS	33
2.1 Objetivo Geral	33
2.2 Objetivos Específicos	33
3 METODOLOGIA.....	34
3.1 Sujeitos	34
3.2 Carga horária	34
3.3 Instrumentos	34
3.3.1 Artistas da Baixada Santista.....	34
3.3.1.1 Benedito Calixto	35
3.3.1.2 Alfredo Volpi.....	36
3.3.1.3 Mário Gruber	38
3.3.1.4 Rica Mota	39
3.3.1.5 Nice Lopes	41
3.3.1.6 Leandro Shesko	42
3.4 Planejamento	45
3.5 Plano de Ação.....	46
3.5.1 Etapas Desenvolvidas por Bimestre.....	46
3.5.1.1 1º Bimestre/ 1º Semestre	46
3.5.1.2 2º Bimestre/ 1º Semestre	49

4 SUGESTÕES DE ATIVIDADE.....	52
4.1 Sensibilização e Contextualização sobre Arte	52
4.2 Elementos Básicos das Artes Visuais	52
4.2.1 Cores	52
4.2.2 Arte abstrata e figurativa	53
4.3 Ilustração do Hino “Santos Poema”	54
4.4 Leitura e Releitura de Obra	56
4.5 Sugestões de Obras de Artistas da Baixada Santista	58
4.5.1 Obras figurativas	58
4.5.2 Obras para trabalhar as formas abstratas	59
4.5.3 Obras para trabalhar gravura	60
4.5.4 Obras para trabalhar ilustração/criação de personagens	61
4.5.5 Obras para auxiliar com o tema mural/grafite	62
4.5.6 Obras para auxiliar com técnica escultura.....	63
4.6 Atividade com Autorretrato	64
4.7 Mostra Cultural “Releituras da Vida”	64
5 REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

O arte-educador necessita diariamente de ideias para ampliar a criatividade em seus alunos e junto à modalidade de ensino da EJA – Educação de Jovens e Adultos não é diferente, pois o professor necessita propiciar mais estímulos a estes alunos, pois muitos acabam por rejeitar a disciplina, acreditando que retornam aos estudos somente para aprender a ler e a escrever, com isso não criam perspectivas favoráveis e se convencem de que arte é coisa de criança.

Desta forma, nasceu a ideia para a criação de um projeto que pudesse trazer sentido ao conteúdo de ensino da arte e às vivências identificadas pelo aluno, sendo fruto da pesquisa do Mestrado Profissional de Ensino em Práticas Docentes no Ensino Fundamental, com o título “Estou aqui pra aprender, desenhar é coisa de criança! - Práticas docentes de arte na Educação de Jovens e Adultos”. E assim, pensou-se em um projeto no qual pudesse se alinhar as histórias reais de vida dos alunos com a história e os acontecimentos da arte, ou quaisquer conhecimentos que os tornem ativos e participativos na aula, sendo capazes de assimilarem assim, de forma privilegiada e prazerosa, o conteúdo.

A pesquisa teve como objetivo investigar as estratégias e as práticas docentes utilizadas por professores de arte para o desenvolvimento do processo criativo e da autonomia do aluno da educação de jovens e adultos. Foram consultados teóricos nas seguintes áreas: Arte-educação, EJA e Práticas Docentes, tais como Freire (1996; 2016), Zabala (1998), Fazenda (2013), Barbosa (2009), Pillar (2012; 2014), Santaella (2012), Ostrower (2009), entre outros.

A metodologia desenvolveu-se a partir de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de Análise de Conteúdo de Bardin (2011). A coleta de dados foi realizada com 62 sujeitos, entre doze professores de Arte e cinquenta alunos da educação de jovens e adultos da Baixada Santista, apresentando cinco categorias: *Categoria 1 – Perfil e histórico profissional dos professores de arte da EJA e alunos da EJA no município de Santos;* *Categoria 2 - Abordagens pedagógicas em arte;* *Categoria 3 - Práticas e estratégias junto à releitura de imagens;* *Categoria 4 - Vivências e expectativas dos alunos*

destinados às aulas de arte; e Categoria 5 - Desenvolvimento criativo pessoal e social do aluno.

Alunos – a) Ao identificar o perfil dos alunos, percebeu-se que a evasão/abandono escolar nesta modalidade de ensino configura um dos fatores que acontecem por diversas razões, tais como: falta de estímulos, questões de trabalho, conflitos familiares, entre outras e acaba por excluir o sonho da conclusão dos estudos; b) Carência de recursos para desenvolver as habilidades e competências quanto a promover a criatividade do aluno, ao relacionar a arte com seu cotidiano; c) Propor aos alunos atividades que levem à reflexão sobre a arte vivenciada nos livros e na rua, por meio das imagens e da releitura; d) A Necessidade de criação do vínculo entre professores/alunos para que as práticas desenvolvidas façam sentido na vida escolar e social; e) Rever as estratégias no desenvolvimento da identidade artística do aluno, para que ele se identifique como um ser criativo, no âmbito da unidade escolar e na vida social.

Professores – a) Pouca experiência da grande parte dos professores com a modalidade de ensino em questão, por conta da atribuição de aulas anual, a qual nem sempre faz com que os educadores retornem para escola em que atuaram durante o ano anterior; b) Necessidade de informações que os orientem a ter uma visão voltada às necessidades do aluno; c) Rever as Práticas docentes que desenvolvam a releitura de imagens como auxiliar para aflorar a criatividade; d) Necessidade de identificar o vínculo dos professores às experiências e expectativas dos alunos nas aulas de arte; e) Rever as estratégias para desenvolver o pensamento crítico e criativo do aluno, sobre as práticas de arte na sala de aula.

Em meio às fragilidades encontradas, foi proposto o produto, o projeto intitulado “Releituras da Vida”, que traz como finalidade ampliar o repertório dos docentes de arte com ideias e propostas, que poderão ser adaptadas conforme a necessidade das aulas e ainda auxiliarão a direcionar o olhar dos alunos da EJA, de um modo diferenciado, artístico e criativo, às artes no cotidiano escolar e social.

Um projeto que promova no aluno um olhar mais sensível e admirável ao mundo colorido das Artes, ao identificar que esta é a base para valorizar a

vida escolar e social. Criar esta perspectiva pode se tornar a função primordial de quem vislumbra um brilho especial nas aulas: o arte-educador.

Desta forma, foi pensado o meio para se utilizar a obra dos artistas da Baixada Santista, pois o aluno identificará a Arte de sua própria cidade, por conta das atividades desenvolvidas em sala de aula. Ou seja, as vivências da arte no próprio cotidiano do aluno figuram como fator decisivo na escolha dos artistas, de acordo com a sua importância na Baixada Santista, mediante suas histórias de vida e representatividade na cidade, como os consagrados Alfredo Volpi (1896-1988), Benedito Calixto (1853-1927), bem como os artistas da atualidade Mário Gruber (1927-2011), Rica Mota (1953), Nice Lopes (1970) e Leandro Shesko (1985), artistas locais que contribuíram com produções e divulgaram a Baixada Santista, tendo suas obras espalhadas pela cidade de Santos e na representação do Brasil no exterior.

O projeto “Releituras da Vida” destaca os artistas regionais, de forma a aguçar o olhar do aluno da EJA, por meio das leituras e releituras de imagens. A sensibilização dos alunos através da Arte consegue transformar a visão deles no âmbito escolar e principalmente na vida privada, pois passariam a identificá-la no seu cotidiano, ao reconhecer suas histórias e despertando o interesse em acompanhar a evolução desses artistas, pertencentes a sua cidade. Assim, seria possível se desprender da ideia de que a arte trata-se de algo infantil, como uma brincadeira de criança, e se habitua a vê-la como Cultura, pertencente ao mundo cheio de cores, formas, texturas e de histórias.

1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A pesquisa “Estou aqui pra aprender, desenhar é coisa de criança! Práticas docentes de artes visuais na Educação de Jovens e Adultos”, mediante seus resultados e discussões, foi delineada a fundamentação teórica do projeto “Releituras da Vida”, desbravando o entendimento da modalidade de ensino EJA, com base na Baixada Santista.

Foi analisado o perfil histórico da educação básica de adultos, em que se percebeu o seu lugar na história da educação no Brasil e a consolidação de um sistema público de educação no município de Santos.

1.1 A EJA na Baixada Santista

Mediante as políticas que envolvem a educação de jovens e adultos na Baixada Santista, identificaram-se as disposições junto às propostas que abrangem a Lei Orgânica e o Plano Municipal de Educação.

No município de Santos, por exemplo, o Sistema Municipal de Ensino foi instituído em 2002, de acordo com a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, normatizado em 2007 e integrado, desta forma, a Secretaria Municipal de Educação – SEDUC; o Conselho Municipal de Educação – CME; as Unidades Municipais de Educação, as UMEs e a Unidade Municipal de Educação Especial. (PMS, 2015)

A EJA na cidade de Santos, no Estado de São Paulo, estrutura-se e aperfeiçoa-se conforme destaca o Plano Municipal de Educação que afirma ser esta modalidade de ensino responsabilidade dos governos municipal e estadual, também sendo oferecida pela iniciativa privada, e seu atendimento distribui-se da seguinte forma: a rede municipal atende ao ensino fundamental e a estadual aos níveis fundamental e médio. (PMS, 2015)

Assim, recebeu no ano de 2007, o selo de município livre do analfabetismo, título conferido pelo Governo Federal, aos municípios com índices inferiores a 4% da população sobre o analfabetismo, em que considera o discente com idade superior a 15 anos e que não saiba ler nem escrever. Registrando um índice de 3,56%, ou seja, 96,44% de alfabetização junto aos

jovens e adultos, fazendo parte dos três únicos municípios a ganhar o selo no Estado de São Paulo.

O Art. 196 da Lei Orgânica do Município de Santos trata a educação como direito de todos, além de compromisso do poder público e da família, incentivada com o apoio da sociedade.

A lei supracitada ressalta ainda a responsabilidade do município sobre os níveis de ensino que abrangem e priorizam a educação, desde a creche à Educação de Jovens e Adultos, junto à educação básica.

Artigo 197 - O Município responsabilizar-se-á prioritariamente pela educação infantil em creches e pré-escolas e, da mesma forma, pelo ensino fundamental, inclusive para os que a ele não tiverem acesso na idade própria. [...] com base nos artigos 205 e seguintes da Constituição Federal e inspirada nos princípios de liberdade, solidariedade e respeito aos direitos humanos, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa e à formação do cidadão, eliminando estereótipos existentes nos livros didáticos. (PMS, 2017, p. 51)

Em relação ao atendimento na Educação de Jovens e Adultos, o Art. 50 do Regimento Escolar traz a Portaria N°. 17/2016-SEDUC e relata a dedicação àqueles que não concluíram à educação na idade própria e desejam finalizar os estudos, proporcionando a realização pessoal e profissional.

Segundo dados da SEJA (Seção de Educação de Jovens e Adultos), o atendimento na rede municipal de ensino possui cerca de 3.000 alunos e é ofertada em 17 unidades municipais de educação. Os dados adquiridos em 2017 confirmam a distribuição nas regiões da cidade, incluindo a área continental, Caruara, Monte Cabrão e Ilha Diana, com salas de alfabetização, do Ciclo I (2º ao 5º anos) e do Ciclo II (6º ao 9º anos).

Proporciona-se também o atendimento digital em todas as unidades no ciclo II (6º ao 9º anos) e em algumas unidades que só possuem este atendimento junto a esse ciclo.

O Art. 4º explana que as unidades de ensino são conduzidas pelo regimento escolar de acordo com os dispositivos constitucionais vigentes, em conformidade com a LDBEN nº 9.394/96, seguindo o ECA, Lei nº 8.069/90 e a Resolução CNE/CEB N° 01/2000, relatando que a disposição das disciplinas

dá-se conforme a tabela da matriz curricular, junto ao componente de Arte, de acordo com o quadro abaixo.

Quadro 1 – Matriz Curricular 2016 – Município de Santos EJA - Arte								
Matriz Curricular 2016 Educação de Jovens e Adultos (Semestral – 20 semanas) Lei Federal Nº 9394/96 Resolução CNE/CEB: Nº01/2000								
BASE NACIONAL COMUM	Componente Curricular	HORAS/AULA SEMANAIS						
		CICLO I				CICLO II		
		T1	T2	T3	T4	T1	T2	T3
ARTE		2	2	2	2	2	2	2

Fonte: SEJA/ DEPED/ SEDUC

Conforme demonstração do recorte da matriz curricular, o ensino da EJA acontece por meio de CICLOS caracterizados da seguinte forma: CICLO I – destina-se ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano - alfabetização) é concluído em dois anos, sendo oferecido em quatro módulos, e o CICLO II – dedica-se ao ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e também é oferecida a conclusão em quatro módulos. Ou seja, os módulos são reconhecidos por Termos, conforme orientado na matriz curricular acima. Para um melhor entendimento quanto à divisão dos termos em anos e ao tempo de aula, segue quadro demonstrativo.

Quadro 2 – Divisão da EJA										
Cada semestre finaliza-se em dois bimestres.	1 SEMESTRE									
	1º BIMESTRE				2º BIMESTRE					
Cada CICLO finaliza-se em dois anos, sendo os 4 Termos.	CICLO I				CICLO II					
	Termo									
O Termo representa um ano letivo e cada termo finaliza-se em um semestre.	T1	T2	T3	T4	T1	T2	T3	T4		
	Representação quanto ao ano letivo									
	1º / 2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º		

Quadro elaborado por SOUZA (2018) – Conforme dados: SEJA/ DEPED/ SEDUC

O regimento ainda traz o artigo 41, que destina ao corpo docente a responsabilidade pela aprendizagem dos alunos e o desempenho de práticas educativas e sociais, a fim de garantir a eficiência do ensino.

Os programas que atualmente são destinados a essa modalidade de ensino no município não abrangem somente o modelo presencial, mas também a modalidade de ensino chamada EJA Digital, na qual direciona o CICLO II, em que o aluno tem a facilidade de desfrutar dos recursos tecnológicos presentes na unidade escolar, por meio da plataforma digital como forma de ensino, com um professor tutor à disposição para auxiliá-lo nas atividades.

1.2 A EJA e a Arte

Para um melhor entendimento das práticas utilizadas e da visão dos alunos quanto à disciplina de arte, a pesquisa consistiu na realização da coleta de dados, delineando a criação de categorias destinadas aos 62 sujeitos entre professores e alunos. Foram analisadas as práticas, as abordagens e as vivências artísticas por meio da releitura de imagens e do desenvolvimento da criatividade, questões identificadas pelos alunos e professores nas aulas de arte, ficando desenvolvidas da seguinte forma:

Categoria 1 – Perfil e histórico dos alunos da EJA na Baixada Santista. Esta categoria apresenta o objetivo de Identificar o perfil dos alunos e sua motivação quanto ao retorno aos estudos.

A autora Delalibera (2017) relata que a grande marca desta modalidade de ensino é a heterogeneidade em relação à idade: são grupos constituídos por alunos com diferentes idades (adolescentes, jovens, adultos e idosos), culturalmente diversificados, com profissões e desejos variados.

Ao identificar o perfil desses alunos, notou-se que a motivação pessoal e o desejo da conquista a uma colocação profissional é o que mais determina o sonho da conclusão dos estudos.

Corroborando com a ideia, a motivação que leva esses alunos ao retorno aos estudos mostra-se em grande parte na busca pelo tempo perdido, pois por diversas razões, a educação não foi concluída no tempo certo, ou na busca por um emprego melhor. Nos tempos atuais, há uma demanda exigente

e crescente no que tange ao nível de escolaridade e por isso, os alunos, voltando à escola, tendem a aumentar suas chances de inserção no mercado de trabalho, na cultura e na própria sociedade. (BRASIL, 2002)

Percebe-se, então, que a modalidade de ensino é uma segunda ou até mesmo a primeira oportunidade que este aluno possui para obter as conquistas pessoais e profissionais.

Categoria 2 - Abordagens pedagógicas em arte. Traz o objetivo de levantar as abordagens pedagógicas utilizadas pelos professores de arte para atingir o processo criativo junto aos alunos. Sanar a carência para ampliar as expectativas do aluno, ao relacionar a arte com seu cotidiano, é uma das medidas mais essenciais; pois investir nessas expectativas é fundamental para que o aluno identifique a Arte no seu cotidiano e tome consciência da existência das quatro linguagens artísticas.

Entre os alunos participantes da pesquisa, percebeu-se que 49% dos entrevistados identificaram-se mais com a linguagem da música e os demais seguiram entre artes visuais 33%, teatro 9% e a dança 7%, respectivamente.

Em conformidade às linguagens da área de arte, identificam-se as quatro modalidades artísticas conforme sugerem os PCN's, artes visuais, que engloba as artes gráficas, vídeo, cinema, fotografia e as novas tecnologias; a música; o teatro e a dança; são definidas, assim, as linguagens a serem desenvolvidas em sala de aula. (BRASIL, 2012, p. 49)

As diferentes estratégias são necessárias para que haja uma interação social, visando que o aluno possa conceber oportunidades para alcançar uma conexão com sua experiência de vida. (WECHSLER; NAKANO, 2011)

As propostas reconhecidas pelos alunos, no que diz respeito às artes visuais, prenderam-se aos fazeres artísticos restritos como mera atividade para obtenção de nota. Dessa maneira, o entendimento dos alunos sobre a contextualização da arte ou leitura de mundo e suas próprias vivências não foi identificado.

Categoria 3 - Práticas e estratégias junto à releitura de imagens. Trouxe como objetivo investigar as práticas e as estratégias para apresentação do uso de imagens e de que forma é trabalhada a releitura de obras, abordando tanto

a apresentação da biografia de artistas para a prática de releitura, quanto a identificação da prática da releitura segundo a interpretação dos alunos.

Propor atividades que proporcionem a reflexão sobre a arte aprendida nos livros e vivenciada na cidade, por meio das imagens e da releitura de obras, das histórias e biografia dos artistas, faz com que os alunos possam se sentir pertencentes à cultura e, como consequência, consigam se identificar de forma natural com a arte.

Apesar dos alunos terem conhecido a biografia do artista e posteriormente feito uma produção com releitura, a maioria não soube avaliar a explicação do professor. A dificuldade ocorreu principalmente em relação ao conhecimento da história de vida dos artistas apresentados em sala de aula, que seria a base para uma atividade de releitura. O exercício incluiria a discussão sobre as influências do artista, a fase da criação artística, como foi a sua realização, as ideias e os conceitos apresentados. Assim, o professor teria uma grande chance de despertar o interesse do aluno sobre o tema, abordando a técnica e a vida do artista. Em alguns casos, esta atividade poderia se tornar um processo projetivo em relação à própria vida.

Contudo, infelizmente, 64% desses alunos afirmaram que não haviam feito o desenho sobre a obra, ou não sabiam explicar. Os que responderam que sim, 12% dos participantes, identificaram terem feito uma criação, ou seja, a releitura e os demais 24% relataram a produção de uma cópia exata do desenho ou não souberam opinar a respeito.

Há uma grande distância entre releitura e cópia. A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial, num contexto visual que pode estar explícito ou implícito na obra final. Aqui o que se busca é a criação e não a reprodução da imagem. (PILLAR, 2014, p. 14)

Nota-se, desta forma, que os alunos, em sua maioria, possuem dificuldades em definir e identificar o que foi realizado em sala de aula. As justificativas apresentadas seriam a escassez de tempo, ou ainda, em muitos casos, a evasão escolar é o que gera a falta de seguimento, levando a não execução das tarefas. Assim, os alunos acabam perdendo o foco das atividades e, consequentemente, novos ensinamentos.

Buoro (2003) destaca várias críticas ao indevido uso da prática de releitura nas aulas de arte, em que a abordagem é concretizada de forma equivocada, o que gera a produção de cópias em massa. Com isso, os alunos consideram-se menos capazes de concretizar as atividades, se sentem discriminados, o que gera grande frustração.

Categoria 4 - Vivências e expectativas dos alunos destinados às aulas de arte. Teve como objetivos pesquisar as práticas em sala de aula entre alunos e professores da EJA, e analisar as vivências e expectativas destinadas às aulas de arte. Destaca as subcategorias: abordagens/embasamento teórico dos professores em sala de aula; a importância da arte na vida; as descobertas nas aulas de arte.

Entre os alunos, 70% acreditam que a arte é importante para a vida e os demais não visualizam esta relevância. Interrogados sobre o porquê das respostas positivas em relação à arte, os entrevistados demonstraram certa frustração por haver poucas aulas; pois conseguem observar a arte em tudo (beleza, estética, emoção, etc.); possuindo gosto pela música, desenho, teatro; relacionam ao dom, à criatividade, à imaginação, ao conhecimento ou a uma forma de distração. Os que negam a importância da arte na vida, grande parte não soube responder ou relata simplesmente não gostar de arte.

Em classes de EJA, é comum iniciar as aulas com conversas sobre os mais diferentes temas e, assim, transmitir o que se deseja ensinar e aprender; pois não se deve esquecer que a escola é além de tudo um espaço de socialização, em que os jovens e adultos com opiniões diferentes têm muito a colaborar no desenvolvimento da aula, em especial no que tange ao mundo social vivido por eles. (BRASIL, 2006)

Quanto às descobertas nas aulas de arte segundo a visão dos alunos, 38% acreditam serem negativas, pois quando questionados, relatam que participam de poucas aulas de arte, ou apresentam dificuldade com a disciplina, não aprendem nada, não gostam ou simplesmente não sabem explicar. Os 62%, que consideram ser positiva a existência das aulas de arte, justifica-se relacionando o conhecimento adquirido à habilidade e técnica aprendida. No entanto, muitos ainda se sentem inseguros e não conseguem explicar seu posicionamento em relação às aulas de arte.

Torna-se necessário desenvolver o entendimento do processo criativo para que as práticas desenvolvidas façam sentido na vida escolar e social dos alunos e para que estes passem a observar a arte em sua vida de forma positiva.

Categoria 5 - Desenvolvimento criativo pessoal e social do aluno. Com o objetivo de verificar de que maneira o trabalho do professor da disciplina de arte favorece a capacidade criativa do aluno, tanto no aspecto pessoal quanto no social.

Durante a pesquisa, foi analisada a visão dos alunos sobre o que é ser criativo, 26% não souberam explicar ou ainda apontou nunca ter ouvido falar a respeito. Dessa maneira, fica evidente a ausência de compreensão da maioria dos alunos quanto à questão da criatividade, devido à falta de simples entendimento da questão ou por nunca terem ouvido falar sobre o processo criativo, algo tão pertinente ao ser humano.

A principal particularidade exposta pela vida dos alunos da EJA é de não terem podido frequentar uma escola na idade apropriada e, sentem-se incompetentes quanto ao ato de criar. (BRASIL, 2012)

Os alunos que apresentam o entendimento sobre ser criativo 74% relatam que esta questão está relacionada à renovação que pauta os estudos, à descoberta e não à cópia, ao “dom”, à imaginação, à criação individual, às ideias para progressão no trabalho.

Afirma-se, desta forma, que os grupos de jovens e adultos necessitam de um foco maior sobre sua capacidade criativa. Além disso, observa-se que esse grupo dispõe de maior motivação para aprender e para levar em consideração suas experiências de vida. (WECHSLER; NAKANO, 2011)

Entender o ato criativo faz o aluno perceber que a criatividade é uma arma em suas mãos, pois o mundo atual cobra constantemente a inovação em situações primárias. A fecundidade e a qualidade de ideias possibilitam escolhas que valem oportunidades ímpares ao indivíduo, podendo este definir assim o que realmente almeja, pois passa a crer que o processo de criar o diferencia de todos, tanto na questão profissional quanto na pessoal.

“O adulto criativo transforma o mundo que o cerca, tanto nos seus aspectos físicos quanto os psíquicos, assim como suas atividades produtivas.” (OSTROWER, 2009, p. 130)

Deste modo, adiciona momentos e fazeres a sua vida, tanto ao que está relacionado à informação quanto à formação, considerando a criatividade em conjunto com a personalidade de um ser em processo, por meio do seu desenvolvimento. Este processo torna-se essencial para evolução do indivíduo, que descobre novas formas de alcançar o equilíbrio interior e exterior, promovendo a convergência com a sua identidade pessoal. (OSTROWER, 2009)

Entre os alunos participantes da pesquisa, grande parte acredita que a Arte não caminha na direção do conhecimento, pois muitos têm a ideia de que a escola é somente um espaço para se aprender a ler, escrever e fazer contas e, portanto, consideram a arte como coisa de criança. A grande maioria dos adultos nunca teve contato com a arte e acredita que a disciplina que não acrescentará nada a sua trajetória de vida. Alguns acabam não identificando a presença da arte em seu cotidiano, e assim, permanecem inseguros quando solicitados a criar, considerando-se incapazes ou não aptos para produzir algo.

Freire (2016) destaca, em sua *Pedagogia do Oprimido*, a auto-desvalia. Esclarece que de tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que nunca sabem de nada, que não devem e não podem saber e por isso não produzem, acabam se convencendo de sua “incapacidade”.

Infelizmente, até hoje ainda se ouve esses lamentos em sala de aula, e cabe ao professor ser o estímulo para esses alunos, pois a vida já lhes tirou muitos sonhos, roubando-lhes muitas conquistas. O educador deve auxiliar no desenvolvimento da identidade artística no aluno, para que ele possa se identificar como um ser criativo, na unidade escolar e na vida social.

Desta forma, mediante as análises percorridas nas categorias, percebeu-se a necessidade de trazer um novo e diferenciado olhar ao cotidiano deste aluno, fazendo-o entender que é impossível viver sem a arte, pois ela está presente em tudo, desde a combinação de cores de uma roupa, pintura de parede, cercando as ruas em que andamos com seus monumentos, outdoors, da natureza, as linhas e as formas geométricas nos contornos dos objetos, à tecnologia (televisão, aparelhos eletrônicos), sendo inúmeros os registros artísticos que passam despercebidos.

Mário de Andrade disse uma vez que a arte não é um elemento vital, mas um elemento da vida. Não nos é imediatamente

necessária como a comida, as roupas, o transporte e descobrimos nela a constante do supérfluo. Uma lâmina num cabo é uma faca, mas é preciso que o cabo seja esculpido, que a lâmina seja gravada, para que a faca, objeto de um trabalho supérfluo, exprima o amor e atenção que o homem consagrou a ela. Se a arte é associada a um objeto inútil, ela é, nele o supérfluo. (ANDRADE, Mário, s.d apud COLI, p. 89, 2013)

O escritor desperta para a necessidade de se perceber a arte presente a nossa volta, desde um simples objeto, pois para a sua funcionalidade realmente existir, é necessário que haja a técnica artística que o transforma, num simples moldar das formas. (COLI, 2013)

1.3 As Práticas Docentes

Os principais objetivos de um bom professor, segundo Zabala (1998), consistem na competência adquirida por seu ofício, a qual é adquirida por meio de experiências e conhecimentos. Assim há a utilização de um modelo de interpretação, rebateando que o professor é um aplicador de procedimentos, que se fundamenta num pensamento prático com base na capacidade reflexiva.

Zabala ainda considera que as variáveis podem acontecer no meio do percurso e permitem ao professor, de forma antecipada, planejar todo o processo educativo, e assim, atingir posteriormente a avaliação sobre o que aconteceu. Na análise das práticas educativas, revela-se a necessidade de analisar as unidades de ensino:

a) Primeira unidade: o ensinar. Esta foi identificada pelo autor como a unidade de análise básica de uma atividade ou debate, leitura, exposição, pesquisa bibliográfica, observação, entre outras tarefas, e com um conjunto de variáveis que ocorrem nas ações de ensino/aprendizagem. (ZABALA, 1998)

b) Segunda unidade: provoca sequências das atividades ou sequências didáticas. “[...] conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.” (ZABALA, 1998, p.18)

Sobre o ensinar na arte, é necessário levar em consideração os modos de aprendizagem do aluno, a fim de garantir a liberdade de imaginar e embasar as propostas artísticas sejam pessoais ou grupais. Neste contexto, o aluno

aprende com prazer, investiga e compartilha sua aprendizagem com seus pares, relacionando o que foi aprendido na escola com o que se passa no convívio social em sua comunidade (BRASIL, 2002)

As colocações de Barcelos (2014), sobre a atuação dos professores de ensino da EJA, confirmam a necessidade de o professor transferir seus diferentes saberes, desde suas ligações à vida, suas experiências mais tranquilas como viagens, leitura de livros, músicas, conversa com amigos, diferentes emoções próprias do ser humano. De forma geral, o autor classifica essa troca de experiências como acervo sobre o conhecer.

Zabala (1998) relata que, na instituição escolar, cabe ao professor construir relações a partir das experiências vividas pelos alunos, como também estabelecer os vínculos e condições que definem as percepções pessoais sobre si e os demais.

A função de promover uma formação integral dos alunos é da escola e é na instituição escolar, por meio das relações construídas por experiências vividas, que se estabelecem os vínculos e as condições que acabam por definir suas percepções. (ZABALA, 1998)

O professor deve propiciar um trabalho que desperte a curiosidade, desafiando o aluno constantemente. Torna-se imprescindível que a qualidade lúdica e a alegria estejam presentes em conjunto com a paciência, com a atenção e com o esforço necessário para que ocorra a continuidade do processo de criação artística.

Desta forma, pesquisou-se o perfil e a relação de doze professores de arte da Baixada Santista, profissionais atuantes na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Baseou-se a escolha na interdisciplinaridade (individual ou coletiva), no desenvolvimento da criatividade dos alunos e no uso de imagens como práticas de releitura de obras de arte e de vida.

Importante ressaltar que a visão dos professores sobre a EJA promova um olhar diferenciado, pois se percebe que o aluno jovem e adulto não possui o mesmo ritmo e entrosamento da criança ou do adolescente. O aluno da EJA muitas vezes, chega direto de seu trabalho e já bastante cansado, até porque, na disciplina de arte, a matriz curricular consta apenas de duas aulas semanais e, caso ele venha a faltar, perderá as aulas. Ou seja, o estudante acaba não

participando da aula semanal e assim perde o foco, sendo essencial um olhar interdisciplinar do professor, neste processo de aprendizagem da arte.

A pesquisa desenvolveu-se por meio de coleta de dados, sendo estes divididos em cinco categorias analisadas conforme segue abaixo:

Categoria 1 – Perfil e histórico profissional dos professores de arte da EJA na Baixada Santista. Apresenta o objetivo de conhecer o histórico profissional dos professores de arte atuantes na modalidade EJA.

Foi apontado na pesquisa que grande parte dos professores atuantes na modalidade é do sexo feminino. Dados estes comparados ao resultado de análise apresentada pelo PCN, em que se percebeu como semelhança maior concentração do sexo feminino em relação ao sexo masculino. (BRASIL, 2012)

Sobre o tempo de atuação na modalidade, foi observado que a maioria possui menos de dez anos de atuação. Ou seja, a rotatividade destes professores e a falta de experiência de alguns ocorrem devido ao fato de que maioria, não possui sede em nenhuma escola. São educadores chamados de adjuntos, por isso acabam não tendo vínculo com a unidade e, no processo de atribuição anual para formar a carga de sala de aula, surgem outras opções para a escolha. Desta forma, poucos conseguem retornar à unidade em que estavam anteriormente.

Em relação à formação acadêmica, verifica-se que esta foi maior na modalidade de artes visuais/ plásticas, seguindo-se das habilitações em música e artes cênicas. Até o momento, nenhum desses profissionais possui habilitação em dança.

Quanto à formação dos professores, os PCN's afirmam que o conhecimento em arte se dará por meio da construção e dos critérios para selecionar os conteúdos do plano de ensino, e indicam a linguagem artística a ser desenvolvida com os alunos: artes visuais, dança, música ou teatro. (BRASIL, 2012)

Barcelos (2014) ressalta a necessidade de formação em relação aos diferentes saberes, dentre eles os conhecimentos e fazeres que cada educando traz consigo para a sala de aula, mediante sua experiência de vida acumulada, sendo todo fazer artístico uma busca e uma escuta permanente junto aos educandos. Tais iniciativas podem eliminar a exclusão social, caracterizando um dos aspectos mais relevantes o simples fato de escutar, que

nos torna escutadores. Ou seja, diferente de ouvir, escutar é colocar em movimento um de nossos mais importantes sentidos em benefício do processo de aprendizagem.

Um dos aspectos relatados pelo teórico citado é o cuidado, no sentido de incentivar os alunos, que já passaram por diversas experiências escolares e pessoais dolorosas. É importante que haja esforço na busca de uma dedicação neste processo, pois esta é decisiva ao educador, tanto na questão pedagógica, quanto na humana e afetiva. (BARCELOS, 2014)

A maioria dos professores possui pouca experiência com a EJA. Com isso, constata-se a falta de formações para a variante de ensino em seu horário de serviço. E neste caso, o projeto servirá como forma de guia a fim de nortear as abordagens e as práticas docentes nas aulas de arte.

Categoria 2 - Abordagens pedagógicas em arte. O objetivo visado é o de levantar as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de arte para atingir o processo criativo junto aos alunos. Analisando por meio das subcategorias que pretendem identificar os objetivos essenciais segundo os professores nas aulas de arte; As abordagens teóricas utilizadas pelo professor e as linguagens artísticas identificadas pelos alunos em seu cotidiano.

De acordo com o resultado obtido na pesquisa sobre os objetivos em relação às abordagens pedagógicas utilizadas pelos professores de arte, com o intuito de atingir o processo criativo nos alunos, verificou-se que a maioria dos professores considera que conhecer e contextualizar sobre a história da arte junto à realidade em que vivem os alunos seria o principal ponto a ser desenvolvido. Alguns acreditam que o estimular e melhorar a questão da autonomia no desenvolvimento da criatividade seria o fator principal, outros identificam que educar e despertar para o olhar sensível na arte no meio cultural no qual o aluno vive seria o objetivo a ser definido como primordial. Além disso, também relatam que apresentar a releitura de mundo por meio das vivências e práticas define-se como o objeto principal nas aulas de arte.

São propostos nos PCN's, os objetivos pautados no campo das artes visuais, conforme fala dos professores: a contextualização das diferentes culturas, identificar, relacionar e compreender a arte no fator histórico, e também observar as produções existentes em seu entorno, assim como valorizar o patrimônio cultural e o universo natural. Neste sentido, faz-se

necessária uma observação por meio de abordagem, com o propósito de construir a autoconfiança nas produções artísticas pessoais e no desenvolvimento da estética visual, ao respeitar a própria produção e a dos colegas, ao receber e formar o senso crítico. Relaciona-se também o compreender da arte como linguagem, articulando-a segundo a percepção, a imaginação, a emoção, a investigação, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas pessoais/coletivas. (BRASIL, 2012)

Os PCN's enfatizam o objetivo referente à formação do cidadão, a aquisição do conhecer para posicionar a produção de arte, em que a orientação do professor durante o percurso da seleção dos conteúdos, se deve levar em consideração toda diversidade do repertório cultural trazido pelos seus alunos; assim, “[...] para que os produtos da comunidade em que a escola está inserida sejam trabalhados e que se introduzam conteúdos das diversas culturas e épocas.” (DELALIBERA, 2017, p. 45)

Em relação às respostas dos professores sobre as abordagens teóricas foram identificadas as seguintes propostas: emprego dos elementos das linguagens visuais (cor, forma, textura, ponto, linha); importância do domínio e segurança do professor quanto à transmissão de conteúdo; exposição dos trabalhos produzidos pelos alunos como uma das formas de criar autonomia, valorização e autoestima; uso da pintura com a tinta plástica e aproveitamento de todo o potencial do aluno; atividades com dobraduras (origami), desenvolvendo a coordenação motora e a criatividade; o fazer como aprimoramento.

Os PCN's relatam as propostas a serem seguidas dependem da escolha de cada educador, conforme sua vocação artística, mas se analisa que mesmo os que possuem formação nas demais linguagens acabam por ensinar as artes visuais, ou seja, história da arte e as habilidades manuais. Neste caso, percebe-se a necessidade de informações que sirvam de instrumentos aos professores, que os orientem a uma visão voltada às necessidades do aluno. (BRASIL, 2012)

Categoria 3 - Práticas e estratégias junto à releitura de imagens. Trouxe o objetivo de investigar as práticas e as estratégias para apresentação do uso de imagens e de que forma é trabalhada a releitura de obras, abordando as

seguintes subcategorias: a prática de releitura de imagens; a criatividade e a releitura.

Com base nas respostas dos professores, foi possível identificar que 90% dos profissionais utilizam a prática da releitura, mas se verificou sua ocorrência em diferentes abordagens, como por exemplo: em conjunto com técnicas, trazendo a vivência do aluno para dentro da interpretação da obra, descrevendo as sensações e emoções transmitidas, desenvolvendo o lúdico e deixando o aluno livre para criar. A respeito das produções, todos definem como uma nova vivência. Afirmam, desta forma, que o aflorar a criatividade do aluno acontece mediante a prática da releitura.

A intenção de investigar as práticas e as estratégias para apresentação no uso de imagens vem se destacando no decorrer do tempo, pois a releitura significa uma nova leitura, um novo olhar sobre o que foi analisado, verbal ou mentalmente, uma nova experiência estética, além de um simples desenho. (BARBOSA, 2009)

Iavelberg (2003) relata que, entre as práticas que considera aflorar o desenvolvimento do lado criativo do aluno, é necessário despertar a criatividade, que se encontra isolada, em fase de afloração. Ao se ampliar a ideia verdadeira da releitura como uma fuga do estereótipo da cópia, toma-se as aulas de arte como novos pontos de influência sobre o olhar do aluno, num mundo totalmente imagético direcionado a seu cotidiano, tornando-se mais verdadeiro e concreto, na visão dos alunos, durante as aulas.

Por outro lado, há muitas unidades de ensino que utilizam modelos estereotipados, sendo repetidos e/ou apreciados, como o uso de cópias e pintura; e que assim empobrecem o universo cultural do aluno, sem introduzir outros saberes de arte, sem trabalhar a criação. Mas, há professores preocupados em ensinar a história da arte e levar seus alunos a museus, teatros e apresentações de dança ou musicais e assim colocá-los frente a novas vivências. (BRASIL, 2002)

Não se deve ignorar a utilização de uma metodologia diferenciada para o ensino de jovens e adultos, pois se trata de um público diversificado com grande distinção cultural: o analfabetismo, as diferenças de idade e as colocações de âmbito social, de modo que o mesmo conteúdo do ensino

fundamental deve ser adaptado à realidade do aluno, exigindo que práticas novas o estimulem.

Foi apontado na pesquisa que a expectativa de uma explicação equivocada entre a cópia e a releitura nas aulas de arte foge de cogitação, pois grande parte dos professores possui a formação necessária para tal prática e se sentem seguros e confiantes mediante sua formação artística. Os professores que não utilizam, relatam não possuir embasamento teórico suficiente, devido a sua formação mais musical.

Identificou-se a criatividade é aflorada com o uso da releitura, tendo os professores relatado que os alunos necessitam de referências para criar. Por outro lado, na fala dos alunos, notou-se que uma pequena parte identificou a criação em suas atividades realizadas com imagens. Avalia-se, então, que o processo realmente acontece, porém não atinge a todos ou o conteúdo não é tão relevante para os alunos.

Analisaram-se positivamente as práticas docentes que desenvolvem o uso da releitura de imagens, pois, a contribuição da prática pode tornar o aluno mais criativo, caso o mediador da abordagem consiga ter o domínio e a aplicação de maneira correta, conduzindo, desta maneira, o aluno à criação.

Categoria 4 - Vivências e expectativas dos alunos destinados às aulas de arte. Esta categoria tem como objetivo pesquisar as práticas em sala de aula entre alunos e professores da EJA, considerando suas vivências e expectativas destinadas às aulas de arte. Destaca as subcategorias: abordagens/embasamento teórico dos professores em sala de aula; receptividade dos alunos nas aulas de arte.

Com base no questionário dos professores a respeito das abordagens/embasamentos teóricos em sala de aula, foi reportado: a utilização da Proposta Triangular e dos livros didáticos como os itens mais utilizados pelos professores. Os educadores relatam diferentes experiências como a roda de conversa que acaba trazendo a voz do aluno para a sala de aula, e abordam a releitura de mundo, a evolução da arte e a compreensão nas produções individuais ou em grupo.

Segundo Araújo e Oliveira (2015), o aluno jovem e adulto socializa suas experiências na escola, ao ampliar as habilidades e novos conceitos a aprender. Identifica-se, assim, o espaço escolar como o lugar cheio de

oportunidades para o cultivo artístico na convivência entre as várias linguagens.

Identifica-se a seriedade da fala do professor, ao deixar clara a importância da disciplina para o aluno em seu cotidiano. Caso não exista este diálogo, o aluno nunca irá identificar o lado positivo da arte, pois este é o ponto de partida para se dar início ao processo de autonomia do aluno. Ao propor a exibição de suas vivências pessoais e identificar nos conteúdos aprendidos as familiaridades que só ele poderá traçar em sala de aula, reconhece a sua experiência e vivência, além de mostrar que toda troca é positiva no âmbito educacional.

A criação do vínculo entre professores e alunos, quanto às experiências e expectativas nas aulas de arte, torna-se uma marca forte na pesquisa, pois, foi percebido que grande parte dos alunos tem uma boa recepção quanto à disciplina de arte, conforme fala dos professores. A minoria ainda reluta um pouco, porque, infelizmente, tem em mente que as demais disciplinas são mais importantes do que a arte. Com isso, há necessidade de se atingir a todos os alunos, com propostas mais significativas e o fazendo identificar a arte no seu cotidiano.

Categoria 5 - Desenvolvimento criativo pessoal e social do aluno. Trouxe o objetivo de verificar a maneira que o trabalho do professor na disciplina de arte favorece a capacidade criativa do aluno, tanto pessoal quanto social. Conta com as subcategorias: a criatividade; as estratégias para desenvolver a capacidade criativa dos alunos.

Iniciou-se a categoria identificando a ideia dos professores em relação à criatividade, trazendo diferentes visões, observando-se a particularidade de cada um de seus posicionamentos. Mediante as declarações dos professores, a conversa foi identificada como uma aliada para mostrar exemplos de superação e sucesso para motivar e estimular a capacidade de cada um de seus alunos e desenvolver, desta forma, a autoestima. Assim como as estratégias com base na importância das vivências e nas diferentes práticas artísticas, foram considerados como pontos marcantes nas aulas de arte.

Fleith (2011) acredita que o professor criativo precisa buscar estratégias nas percepções de seus alunos, e a melhor maneira de conduzir a estimulação é pensar de forma criativa em sala de aula. Com isso, o autor levanta estudos

no sentido de encontrar maneiras de estimular a motivação em aprender e assim buscar caminhos para evitar a evasão escolar.

Wechsler e Nakano (2011) baseiam-se no conceito de que passos essenciais no estímulo à criatividade são: fortalecer de forma emocional o acolhimento, valorizar as ideias do aluno, confiando em sua capacidade e habilidade, destacando seus pontos mais fortes e propiciando uma segurança, protegendo-o de críticas destrutivas, promovendo a sua autonomia e, finalmente, levando em consideração seus erros como etapas do processo criativo.

Seja qual for o meio encontrado pelo professor de aprofundar suas ideias a respeito do processo de criação, é necessário que o mesmo tenha em mente que se trata de um percurso de contínua experimentação, uma busca incansável da materialidade e de diferentes procedimentos, visando oferecer ao aluno um processo educacional, que o leve a se identificar no contato com a criatividade e a evidência dela, principalmente em seu cotidiano.

Neste sentido, para desenvolver o pensamento crítico e criativo do aluno, sobre as práticas de arte na sala de aula, é necessário rever as estratégias e trazer entre novas abordagens, a experimentação, proporcionando ao aluno chegar à criação. Este processo traz uma nova bagagem, harmonizando novas vivências, experiências culturais e artísticas de maneira que o aluno possa identificar a arte de forma espontânea no seu cotidiano.

1.4 A Proposta Triangular

Em seus estudos sobre Arte, Barbosa (1999) descobre a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire (1921-1997), percebendo a capacidade de criação e reflexão, vinda ao encontro de seus próprios ideais para a Arte-Educação. Assim, surge a *Metodologia Triangular* no Brasil, inicialmente intitulada desta forma e passaria a ser uma grande referência no assunto, inclusive sendo incluída e reanalisada junto aos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A autora implantou sua *Proposta Triangular* junto ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC), como instrumento de leitura de obras originais, sendo também divulgada e experimentada em

escolas públicas da rede municipal de ensino de São Paulo. Nesse período, o secretário da educação era Paulo Freire e o meio utilizado pelos professores era baseado nas reproduções de obras de arte e visitas aos museus (BARBOSA, 1999).

Notou-se uma grande confusão quanto à aplicação inicial da referida proposta nas escolas. Houve questionamentos, dúvidas sobre o que era tratado: uma proposta, ou uma metodologia. Contudo, a autora percebeu que estava sendo mal interpretada, pois sua ideia era revolucionar as práticas artísticas e não criar um método pronto para ser utilizado de forma totalmente mecânica.

Ao recusar a ideia de seu projeto se tratar de uma metodologia, Barbosa assumiu que falhou, permitindo que professores de arte tivessem “apelidado” o que se tratava de uma proposta e justificou-se da seguinte forma: “[...] culpo-me por ter aceitado o apelido. Hoje recuso a ideia de ‘metodologia’ por ser particularizada, prescritiva e pedagogizante, mas subscrevo ‘designação triangular’.” (BARBOSA, 1998, apud RANGEL, 2012, p.35)

Com a devida apresentação da proposta, evidencia-se uma abordagem baseada em três pilares: a história da arte, leitura da obra e o fazer artístico; a fim de definir a linguagem das artes plásticas com intuito de ver e conhecer por meio das imagens, em que pode ser abordada sem uma sequência lógica, pois a autora já afirmou que não se trata de um método e sim de uma abordagem ou proposta, podendo ser utilizada de forma flexível como definido por sua criadora.

Tinha-se a ideia de que a *Proposta Triangular* era o que faltava para dar seriedade ao ensino de arte nas escolas, equiparando-o às demais disciplinas. Trazia como base o mais influente estudo sobre o conteúdo artístico, o DBAE (Discipline-Based Art Education), e apoiava seu trabalho em quatro disciplinas inter-relacionadas: história da arte, crítica de arte, estética e produção artística. Na adaptação feita por Barbosa, “a autora transforma a crítica de arte e estética em leitura da imagem”, e seguindo os PCN’s de arte conforme o MEC, no ano de 1999, este acaba ampliando a ideia para “leitura da imagem para apreciação, de história da arte para contextualização e de fazer artístico para produção artística.” (RANGEL, 2012, p.37)

Ao avaliar a *Proposta Triangular* como sugere Rangel (2012), e o DBAE, há de se observar diferentes interpretações voltadas ao pós-modernismo, e analisar ao máximo um teor paralelo em sua aplicação na arte-educação, conforme o apresentado no quadro comparativo:

Quadro 2 – Análise da proposta triangular		
DBAE Arte educação como disciplina	PROPOSTA TRIANGULAR	(PCNs) Parâmetros Curriculares Nacionais
(Hamilton, Barkan, Eisner déc. 60 - Inglaterra/EUA)	Ana Mae Barbosa (déc. 80 - Brasil)	(MEC-1999/Brasil)
História da arte	História da arte	Contextualização
Crítica da arte	Leitura da imagem	Apreciação
Estética		
Produção artística	Fazer artístico	Produção artística

Fonte: Rangel (2012)

Rangel (2012) constata que o contextualizar desenvolvido pela história da arte consiste em avaliar a imagem a partir do momento em que foi realizada, trazendo-a aos tempos atuais, refletindo aos aspectos culturais e históricos que a envolvem.

Barbosa (2007) destaca a importância de se alfabetizar para a prática da leitura de imagem por meio das obras de artes. Assim, o aluno é preparado desde cedo para reconhecer a gramática visual, por meio da leitura, e dos desdobramentos que abrange a linguagem das artes visuais como o cinema, a televisão, entre outros, o capacitando para a imagem em movimento.

Iavelberg (2003) aponta outros aspectos sobre a proposta triangular: ela a considera construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e pós-moderna, e também capaz de articular arte como expressão e cultura na sala de aula, processando essa articulação ao denominador comum das propostas pós-modernas do ensino da arte, na qual cercam internacionalmente a contemporaneidade.

A autora destaca que um dos critérios positivos da proposta seria a criação de situações de aprendizagem, pondo em xeque o aprendizado do aluno no resolver de suas tomadas de decisões mediante os conteúdos envolvidos e os pressupostos da aprendizagem. Sua base é o conhecimento prévio do aluno caracterizado como elemento primordial no início de cada conteúdo. (IAVELBERG, 2003)

Realça-se a importância de se aproximar a arte do cotidiano dos alunos, despertando um olhar ao mundo que os rodeia, além da aquisição de senso crítico. Com uma aprendizagem voltada à criação de problemas e também em suas resoluções, interpretando e convivendo com as dúvidas, a proposta orienta sempre o processo de ensino.

1.5 As Práticas e a Interdisciplinaridade em Arte

Mediante as análises feitas durante a pesquisa por meio das categorias, foi identificada, uma porcentagem pequena de professores que possuem uma interpretação mais interdisciplinar. A visão de um projeto interdisciplinar¹ permite que se desenvolva um novo olhar sobre determinado tema, uma exploração mais ampla da Arte, mostrando que a mesma pode ser norteada em qualquer linguagem do conhecimento.

Despertando nos alunos a ideia de que uma disciplina acrescenta algo ao conhecimento da outra, já se aponta um exemplo de demonstrar uma visão interdisciplinar. Fazer com que os alunos tenham um novo olhar, ao vivenciar o que passa despercebido a sua volta, e tenham vontade de aprender, proporciona um posicionamento mais questionador, tornando-os capazes de conciliar suas histórias de vida com as particularidades artísticas apresentadas nas demais disciplinas e na cidade que os cerca.

[...] Um projeto interdisciplinar de trabalho ou de ensino consegue captar a profundidade das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas. Nesse sentido, precisa ser um projeto que não se oriente apenas para produzi-lo, mas que surja espontaneamente, no suceder diário da vida, de um ato de vontade. Nesse sentido, ele nunca poderá ser imposto,

¹ Interdisciplinar - Que envolve duas ou mais áreas de conhecimento ou de estudo. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/interdisciplinar/>. Acesso em 12 de Jan. 2018.

mas deverá surgir de uma proposição, de um ato de vontade frente a um projeto que procura conhecer melhor. (FAZENDA, 2013, p. 20)

A interdisciplinaridade surge muitas vezes a partir de uma atitude interdisciplinar, marcada pela “ousadia da busca [...] a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir”. Pois, a insegurança que muitos professores carregam solitários, pode ser sanada por meio de troca, do diálogo, da concordância do pensar do outro. (FAZENDA, 2013, p. 21)

Verificou-se, através da pesquisa, que o diálogo entre professor/aluno em sala de aula realmente acontece. Muitos professores utilizam como prática em sala de aula a roda de conversa, sendo este um ponto positivo a troca de experiências. Os alunos desta modalidade de ensino – EJA – necessitam ser ouvidos e se reconhecer como parte do contexto escolar, sendo que a sua bagagem da vida é o que fará toda a diferença no seu aprendizado.

Freire (2016) enfatiza a relevância do diálogo, mas acrescenta também a importância do amor ao mundo e aos homens, e que o ato de amor revela-se no comprometimento com sua causa, causa esta ligada à libertação.

As fragilidades frente ao novo e o inesperado do sofrimento vivido pelos alunos acabam por transparecer no professor. Ambos estão ali aprendendo, um com o outro. Barcelos (2016) afirma que, no percurso cotidiano das aulas nas escolas que atuam na EJA, acontecerão muitos erros, muitos sustos nas esquinas e nos becos da exclusão, mas também surgirão muitas surpresas boas.

O professor pode ser o precursor interdisciplinar, mesmo focado na sua disciplina, podendo ou não agregar com outros professores a prática. Em relação aos diálogos aprofundados na vida do seu aluno, o professor ao fazer o outro falar e ser ouvido demonstra que nem tudo na vida se resume em seus erros, pois a vida também é feita de acertos e cabe a cada um ir atrás de suas alegrias e seus desejos.

1.6 A Releitura e a Criatividade

A prática de releitura é considerada como algo complexo, assim como a leitura e fundamenta, desta maneira, o ato de ler envolve a atribuição no definir

dos significados, e o nosso olhar não é puramente ingênuo, pois está comprometido inteiramente com o nosso passado, por meio de experiências, do cotidiano e de nossas referências. (PILLAR, 2014)

A fim de compreender como essas colocações podem estar relacionadas com a releitura, a autora afirma que há transformações, criação baseada em um determinado referencial, num contexto visual; podendo estar implícito ou explícito, na sua obra final, qual foi o seu intuito principal, a criação e não uma simples reprodução de imagem.

Em nome da proposta triangular, muitos professores estão trabalhando a releitura como cópia. Colocam uma obra de arte para os alunos copiarem. [...] Criticam-se as folhas mimeografadas para colorir e dá-se a obra de arte para copiar. (PILLAR, 2014, p. 14)

Buoro (2003) corrobora com a ideia e relata que a releitura seria a tradução de significados dos objetos, uma nova construção, procurando nessa ação a “ressignificação”, em que se aprofundam os significados, buscando-se a construção de um novo contexto e assim partindo para a criação. (2003, p. 23)

O ato de criar, definido por Ostrower (2009), seria o sentido como um ato de estruturar, comunicar, transmitir e interagir com os significados. Quando se cria, procura-se atingir uma realidade mais profunda sobre o conhecimento das coisas, com um sentimento de estruturação interior.

Destaca-se neste pensamento a importância do criar, que se dá não somente para o artista, mas é admirável a qualquer pessoa, pois se trata de um crescimento interior não somente para quem cria, mas também para quem pode acompanhar a realização do outro.

A criatividade é contexto de estudos nas diversas modalidades de ensino, desde a educação infantil à universidade da terceira idade, identificada como uma busca de estratégias no desenvolver da questão criativa, desde o lúdico ao experimental. São realizados testes com novas ideias, com ligação ou não com os estudos educacionais, no sentido de aguçar a curiosidade e o prazer em aprender e, com isso, ampliar a motivação pessoal, tendo como consequência a melhoria do processo educacional. (FLEITH, 2011)

Na pesquisa, identificou-se que a visão dos professores sobre a prática da releitura aflora a questão da criatividade, mas foi analisada certa fragilidade, pois, por mais que a prática seja clara e permita que o aluno observe a obra,

faça sua leitura e tenha ideias para criar sem se prender a cópia. Alguns alunos deixam transparecer que esse processo não fica muito claro e com isso a necessidade de procurar soluções que sanem essa devolutiva negativa.

Ostrower (2009) descreve como espontâneo o ser livre, sendo essa espontaneidade correspondente à coerência da pessoa, e abrange sua autonomia interior e as possibilidades de viver e criar como a mais alta ação de liberdade. Há uma associação entre a liberdade de criar e o descompromisso. A definição individual de como e o que criar dá-se como um ato expressivo, sendo a obra criada por uma mensagem de suas vivências pessoais.

Contudo, não faltam exemplos de homens admiráveis que eram criativos em circunstâncias difíceis da vida, que conseguiram enfrentar situações diversas de forma não somente a sobrepuja-las senão a aprender com elas. Quando no indivíduo os processos de crescimento e de maturação se realizam de algum modo significativo, permitindo que ele se discrimine em si e individualize sua visão de vida, verifica-se uma definição maior e mais seletiva na sua atitude interior perante o mundo. (OSTROWER, 2009, p. 148)

Com base neste pensar, ao relacionar a arte a vários momentos da vida, desde o trágico à alegria, que são na verdade os momentos que mais se destacam, pois se conectam ao que se sente por meio da demonstração de sentimentos, da sensibilização aguda do que se reproduz.

Ostrower (2009) salienta as questões relacionadas à vida, como o tratar da liberdade e da espontaneidade voltada à criação, que não é apenas uma questão individual, mas vai além da individualidade de cada ser e, desta forma, observada como algo valioso. Ressalta ainda a devida importância de se abordar as influências que envolvem qualquer contexto cultural para qualquer idade biológica do ser humano.

Originando uma importante contribuição ao estudo da criação, Barbosa (1998) relata que o ato criador não se esgota no fazer, mas também da apreciação e da leitura de imagens. Assinala outra visão da criatividade, em que se acende um novo caminho para o olhar sobre o processo criativo, até então centrado somente na produção.

Traduzir de forma única e de modo ímpar o processo criativo, em que cada momento capta e retrata as diferentes sensações reproduzidas por um

ser, evidencia as possibilidades que não se esgotam e a criatividade sempre em constante percurso.

É preciso observar que a criatividade não é propriedade apenas de alguns, mas um potencial próprio do ser humano. Ostrower (2009) relata que a criatividade não deve sofrer qualquer esquematização e simplificação, pode e deve ser tratada enquanto elemento dentro de um contexto, sem deixar, em nenhum momento, o desenvolver de sua análise e de situá-la em relação à problemática social, econômica, política e cultural que, sem dúvida, obstaculiza o livre fluir da criatividade humana.

A expressão pode ser um processo projetivo e não necessariamente só criativo, mas também uma projeção da dor, da alegria, da evolução enquanto ser humano existente e em constante progresso nessa imensidão de mundo que continua em evolução.

Explorar a criatividade é o que transforma a aprendizagem, tornando-a mais significativa, lúdica, com participação e mais agradável. Ao educar, acompanha-se um ser em processo de formação e com isso as intervenções artísticas podem auxiliá-lo em sua vivência escolar e social.

A ideia da criação do Projeto intitulado “Releituras da Vida” surgiu como produto da pesquisa “Estou aqui pra aprender, desenhar é coisa de criança! Práticas docentes no ensino da Arte na Educação de Jovens e Adultos”. Identificou-se que a marca na vida desses alunos é a perseverança, pois, estes percorrem caminhos em que as dificuldades tornam-se gritantes, levando-os à direções opostas e soam em seus ouvidos para que desistam da escola. Por outro lado, a vontade de superar esses receios e percalços da vida, traça uma nova história de força para continuarem seguindo em busca de seus sonhos, tendo o professor um papel fundamental nas escolhas de seus alunos.

Considerou-se o projeto adequado para ser desenvolvido junto aos CICLOS I e II do ensino fundamental na EJA, pois, a desvalia em relação à disciplina de arte por parte desses alunos acontece nos dois ciclos, aos que iniciam a alfabetização no CICLO I e aos que vão finalizar seus estudos no CICLO II. Revela-se neste contato com os estudos que a arte irá acompanhar o aluno durante os quatro anos vividos na escola, sendo a forma de despertar o indivíduo para um novo olhar ao mundo colorido das imagens e da história que o cerca pela vida.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Propor o projeto “Releituras da vida”, destinado a professores de arte, das escolas públicas da Baixada Santista, de forma a tornar as aulas mais significativas para a formação do aluno em Arte, como um processo projetivo, dinâmico e criativo tornando-o confiante e transformador enquanto ser humano existente na vida escolar e social.

2.2 Objetivos Específicos

Promover reflexão e instrumentar os docentes mediante abordagens que os façam perceber a realidade e expectativas vividas pelos alunos.

Realizar propostas de aulas dinâmicas, que possibilitem aos novos olhares as imagens e releitura da arte no cotidiano e, neste sentido, contar com a interdisciplinaridade como uma grande aliada no percurso.

Levantar ideias para os professores utilizarem no processo de desenvolvimento da criatividade dos alunos na EJA.

Identificar por meio dos artistas locais da Baixada Santista um novo olhar do aluno para a Arte aprendida na escola e a identificada na rua, fazendo com que ele seja capaz de relacionar a sua história de vida com a biografia do artista.

3 METODOLOGIA

3.1 Sujetos

Professores de Arte atuantes na Educação de Jovens e Adultos no Município de Santos.

3.2 Carga horária

1 semestre letivo da EJA (2 bimestres)

3.3 Instrumentos

No levantamento das propostas, as práticas desenvolvidas nas aulas de arte apresentarão ênfase na linguagem das Artes visuais, com o auxílio da técnica de releitura de imagens. Foram sugeridos os seguintes artistas: Alfredo Volpi, Benedito Calixto, Mário Gruber, Leandro Shesko, Nice Lopes e Rica Mota. Estes artistas têm suas características na linguagem das artes visuais, mas com diferentes propostas artísticas.

Assim, o projeto terá o respaldo nos elementos básicos das artes visuais, tais como: ponto, linha, forma, cor, textura, plano, volume, entre outros itens definidos como essenciais pelo professor que estiver aplicando o projeto. Desta forma, serão apresentadas as técnicas com base nos artistas selecionados que auxiliarão na confecção da releitura, empregando pintura, fotografia, gravura, recorte e colagem, esculturas (papel marche /argila), entre outras técnicas.

3.3.1 Artistas da Baixada Santista

Ao investigar a breve história da arte que norteia a Baixada Santista, foi identificado que a arquitetura revelou-se como um dos primeiros indícios artísticos, trazendo em sua composição vários estilos. Pode-se afirmar que a cidade de Santos apresenta riqueza de elementos culturais e históricos gravados em seus museus, monumentos e pinturas a céu aberto.

Foram escolhidos cinco artistas consagrados, que fizeram sua história artística na Baixada Santista, e os mais atuais com suas produções em grande destaque. Para apresentar estes avanços de estilos e técnicas, foi feito uma linha de percurso, englobando desde os artistas plásticos consagrados como Benedito Calixto (1853-1927) e Alfredo Volpi (1896-1988) aos artistas da atualidade nascidos na Baixada Santista como o artista plástico muralista e gravador Mário Gruber (1927-2011), o artista plástico/escultor Rica Mota (1953), a artista plástica/ilustradora Nice Lopes (1970) e o artista plástico/grafite Leandro Shesko (1985).

3.3.1.1 Benedito Calixto² (1853 – 1927)

Benedito Calixto de Jesus (Conceição de Itanhaém, São Paulo, 1853 - São Paulo, São Paulo, 1927). Foi pintor, professor, historiador, ensaísta. Muda-se para Brotas no interior de São Paulo, e adquire noções de pintura com o tio Joaquim Pedro, quando o auxilia na restauração de imagens sacras de uma igreja local. (BENEDITO, 2018)

Realiza sua primeira exposição individual em 1881, na sede do jornal Correio Paulistano, em São Paulo. Muda-se para Santos, começa a trabalhar na oficina de Tomás Antônio de Azevedo, e fica encarregado da decoração do teto do Theatro Guarany. Viaja Paris em 1883, e estuda desenho e pintura, financiado pelo visconde Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Frequentou o ateliê de Jean François Raffaëlli (1850-1924) e a Académie Julian e passa a conviver com vários artistas. (BENEDITO, 2018)

Ao retornar para o Brasil em 1884, fixa residência em Santos e, posteriormente, em São Vicente. Da sua viagem a Paris, traz uma câmera fotográfica, e começa a utilizá-la na elaboração de suas composições. Em suas telas, passa a representar inúmeras marinhas do litoral paulista. (BENEDITO, 2018)

No início do século XX, Calixto começa a realizar diversos painéis com temas religiosos, para igrejas no Estado de São Paulo. Pinta antigos trechos

² Foram utilizados como fonte de pesquisa os sites: www.Itaúcultural.com.br e <http://pinacotecadesantos.org.br/>.

das cidades de São Paulo, Santos e São Vicente por encomenda para o Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP/USP), pelo diretor do museu o historiador Afonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958). Dedica-se a estudos históricos da região e à preservação do patrimônio, e acaba publicando, entre outros, os livros *A Vila de Itanhaém*, em 1895, e *Capitanias Paulistas*, em 1924. (BENEDITO, 2018)

Durante sua trajetória, produziu cerca de 1700 obras, e somente 712 são catalogadas. Faleceu de infarto em São Paulo, em 31 de maio de 1927, na casa de seu filho Sizenando. Seu jazigo perpétuo encontra-se no cemitério do Paquetá, doação da Prefeitura Municipal de Santos. (BENEDICTO, 2017)

Foi homenageado pela cidade de Santos em 1986, com a criação da Fundação, que trazia seu nome e tinha a finalidade de promover atividades culturais, relacionadas principalmente às artes plásticas. (BENEDITO, 2018)

Em meados de 1992 inicia-se a Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, onde se situa até a data atual, no antigo casarão da família Pires, um exportador de café, lugar que desde 1979 passa a ser patrimônio histórico e de utilidade pública. (BENEDITO, 2018)

Além dos vários eventos destinados à população tais como: exposições fixas e itinerantes, contação de histórias, o projeto “Conheça Calixto” traz o objetivo de formar um novo público capaz de reconhecer o caráter democrático dos museus e a valorização do papel da arte e dos artistas na sociedade. A oportunidade estende-se a estudantes do primeiro grau da rede pública estadual, por conta da firmação de um acordo com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE. Além de visitas programadas por outras instituições interessadas. (BENEDICTO, 2017)

3.3.1.2 Alfredo Volpi³ (1896-1988)

Alfredo Volpi (Lucca, Itália, 1896 - São Paulo, SP, 1988). Ainda criança se muda com os pais para São Paulo e começa a estudar na Escola Profissional Masculina do Brás. Começa a pintar sobre madeiras, telas e torna-

³ Foi utilizado como fonte de pesquisa o site: www.itaucultural.com.br

se decorador. Faz parte do Grupo Santa Helena em 1930, com vários artistas como Francisco Rebolo, Mário Zanini entre outros. (ALFREDO, 2018)

Participou da formação do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo, em 1936, unindo-se à Família Artística Paulista (FAP), em 1937. A característica inicial de suas produções é figurativa e destaca as marinhas executadas em Itanhaém, São Paulo. Em 1950, segue para Europa com Rossi Osir e Mario Zanini, nesta mesma época, cria composições que gradativamente caminham para a abstração. Participa em 1956 e 1957, das Exposições Nacionais de Arte Concreta e mantém contato com artistas e poetas do grupo do movimento concretista. (ALFREDO, 2018)

Em 1953, recebe o prêmio de melhor Pintor Nacional da Bienal Internacional de São Paulo e divide a premiação em 1958, com Di Cavalcanti (1897-1976). No mesmo ano, começa as pinturas com temas religiosos e afrescos para a Capela da Nossa Senhora de Fátima em Brasília. (ALFREDO, 2018)

Eleito pela crítica de arte do Rio de Janeiro como melhor pintor brasileiro, ganha o Prêmio Guggenheim, em 1962 e 1966. Nas décadas de 60 a 70, intercala suas composições de bandeirinhas, por mastros com variação de cores e ritmo. (ALFREDO, 2018)

Recusa o uso de tintas industrializadas e passa a usar a técnica da têmpera⁴. Essa prática artesanal faz com que o pintor tenha certa resistência à automatização e, com isso, ocorra a afirmação de seu lirismo⁵. Desta forma, cria uma trajetória isolada e original que dura entre os anos 1910 até meados de 1980. Todas as suas transformações são gradativas e revelam seu amadurecimento ao diálogo com a pintura. O artista faleceu na cidade de São Paulo em 28 de maio de 1988. (ALFREDO, 2018)

⁴ Tinta opaca, composta por pigmento e clara de ovo, de rápida secagem. Muito usada em pintura mural, sobre gesso, porque permite alcançar cores sólidas, brilhantes, que jamais racham ou amarelam. Genericamente, o termo pode ser usado para designar tintas à base de água misturadas à cola ou caseína, com função de aglutinante, que se caracterizam por possibilitarem uma superfície fosca. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3846/tempera>. Acesso em : 10 de Jan.2018.

⁵ A) Entusiasmo, inspiração do poeta lírico. B) Feição da obra literária inspirada à maneira da poesia lírica: “Estas obras-primas de lirismo lacrimejante e apaixonado apareciam, como sonâmbulas, a bracejar desvairadas, pelas colunas ineditoriais das folhas”. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/lirismo/>. Acesso em: 12 de Jan. 2018.

3.3.1.3 Mário Gruber⁶ (1927-2011)

Nascido em Santos, SP, em 1927, Mário Gruber Correia foi pintor, gravador, escultor e muralista. Autodidata, iniciou suas pinturas em 1943. Em 1946, matricula-se na Escola de Belas Artes, em São Paulo, onde passa a residir. Em 1947, recebe seu primeiro prêmio de pintura na exposição do grupo *19 Pintores*, a primeira exposição individual vem no ano seguinte, passa a estudar gravura com Poty (1924-1998) e começa a trabalhar com Di Cavalcanti (1897-1976). (GRUBER, 2018)

Ao retornar para o Brasil em sua cidade natal, em 1951, funda o *Clube de Gravura* (posteriormente *Clube de Arte*). Torna-se professor de gravura no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP) em 1953, e entre 1961 e 1964 leciona gravura em metal na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), em São Paulo. (GRUBER, 2018)

Abre o ateliê de gravura em São Paulo na década de 70. Nos anos de 1974 a 1978, reside em Paris e depois, retorna para o Brasil, e passa a morar em Olinda, Pernambuco. No ano de 1979, em Nova York cria seu ateliê. Ao voltar para São Paulo, produz nos espaços públicos como a estação Sé do Metrô e o Memorial da América Latina obras de grande porte. Continua a trabalhar com intensidade na década de 2000, e tem uma produção de 100 a 120 obras por ano. (GRUBER, 2018)

A obra de Gruber pode ser admirada em diversos museus nacionais e internacionais que expõem várias de suas telas, tais como: Wisconsin State Museum College Union, USA; Museu Poushkin, Moscou, URSS; Museu de Arte Contemporânea, São Paulo, SP; Museu de Arte Brasileira, São Paulo, SP; Museu de Bahia, Salvador, BA entre outros. (GRUBER, 2013)

O artista morreu em 2011, aos 84 anos, em decorrência de um câncer, em Cotia, na Grande São Paulo.

A curadora Denise Mattar (1948), responsável pela primeira exposição póstuma do artista em São Paulo, apresentando 50 gravuras e matrizes com o título "A Arte Fantástica de Mário Gruber", estava em exposição na Caixa

⁶ Foram utilizados como fonte de pesquisa, os sites: www.terra.com.br/noticias/brasil/exposicao e www.itaucultural.org.br

Cultural São Paulo, em 2013, apontou os gostos e dizeres do artista sobre suas produções nas seguintes declarações:

A maior parte do acervo pertence à família de Gruber. "Ele trabalhou muitos anos nesse viés [gravura]. Até que, nos anos 1960, ele começa a trabalhar com um realismo fantástico por meio da pintura, mas ele continuou fazendo gravura. Ele nunca deixou de fazer. Gruber fazia uma comparação super bonita: a pintura é como uma orquestra e a gravura é como uma música de câmara". [...] "Ele gostava tanto de gravura, que ele praticamente guardou um exemplar de cada gravura e também parte das matrizes. Normalmente, os gravadores destroem as matrizes" [...] "Depois da morte dele, houve uma exposição no Rio de Janeiro. Mas aqui em São Paulo, que foi a cidade onde ele morou, viveu e trabalhou toda a vida, é a primeira exposição. É uma mostra que vai abrir uma conversa sobre o trabalho do Gruber e uma possibilidade de, mais adiante, se fazer uma exposição que englobe as outras técnicas também" [...] Além das gravuras, Mário Gruber é conhecido pelo trabalho peculiar em pintura, no qual expõe imagens classificadas como "realismo fantástico". "Não tem ninguém que faça algo parecido. Ele é um artista muito difícil de encaixar nos ismos dos críticos", explica a curadora. Ela destaca ainda a contribuição para a questão da técnica. "Ele tinha uma técnica perfeita. Na pintura, ele foi pesquisar todas as técnicas dos grandes mestres. E conseguiu reproduzir, por exemplo, tintas que há muito tempo não eram produzidas", destacou. (GRUBER, 2013)

3.3.1.4 – Rica Mota⁷ (1953)

Entre os artistas contemporâneos em destaque na atualidade, evidencia-se Ricardo Campos Mota – Rica Mota (1953), escultor, cenógrafo e cartunista. Responsável por algumas esculturas da cidade de Santos, como a famosa escultura do “Peixe” da entrada de Santos. Esta escultura revela-se um símbolo que emociona aos santistas que sobem e descem todos os dias para trabalhar em São Paulo e os que se ausentam por algum tempo e se sentem verdadeiramente em casa quando de longe o avistam. (MOTA, 2014)

Estudou nos colégios Brás Cubas e no Santista, ambos na cidade de Santos, onde esteve envolvido com a arte desde criança Pelo seu gosto em

⁷ Foram utilizados como fonte de pesquisa os sites: www.boqnews.com/author/deniseccovas/ e www.juicysantos.com.br/cultura-e-eventos/arte/rica-mota

especial pelo desenho, acabou estudando desenho e cerâmica com Zélio Alves Pinto, no Ebarte, em São Paulo. (MOTA, 2014)

Traz como referências artísticas Luciana Futuro, Zélio Alves Pinto, Giorgetto Giugiaro e Leonardo Da Vinci. Foi diretor de arte em agências de publicidade e atuou como cartunista no jornal *A Tribuna* durante oito anos até resolver estudar na Europa. Aos 34 anos, foi para Itália e por lá ficou até os 40. Foi na sua volta à cidade que surgiu o projeto do “Peixe”, entre outros. Uns conseguiram sair do papel e outros ainda estão à espera de apoio, seja do poder público seja da iniciativa privada. Uma luta da qual Rica Mota não desiste. (MOTA, 2014)

Estudou desenho industrial em Torino, na Giugiaro Design e, paralelamente, com a produção de obras de médio e grande porte. Sua primeira obra pública foi com as esculturas em cerâmica no Ebarte, o monumento aos 200 anos dos Descobrimentos Portugueses, junto ao Aquário, contando com a presença do então primeiro ministro de Portugal, Cavaco Silva, para a inauguração. (MOTA, 2014)

As demais esculturas são em aço, como o “Peixe” (1999) na entrada da cidade de Santos. Foi relatada pelo artista uma necessidade de fazer algo por sua cidade e assim, a inspiração surgiu em um momento de crise existencial. Foram seis anos de insistência, procurando parcerias, com o seu esforço e boa vontade de empresas para ajudar a concretizar sua escultura. Na época, 1994, muitas portas fecharam-se por não acreditarem no projeto. Com toda problemática na execução da obra, após a sua finalização, o artista relatou em entrevista várias curiosidades sobre a obra, por exemplo: a escultura tem somente dois apoios (colunas em parábola), que tocam no chão e, totalmente, descentralizados, com as medidas da obra seriam: 25m de altura, 45 toneladas de aço, 21 estacas tubulares com 20m de profundidade, apoiando 2 blocos com 16 m³ de concreto cada. A composição contou com vários parceiros, pois o artista criou o trabalho e envolveu as empresas Cosipa, A Tribuna, Governo do Estado (Dersa), USP, Associação dos Engenheiros de Santos, Prefeitura de Santos e muitos outros. (MOTA, 2011)

Há outras esculturas espalhadas pela cidade: “Cuore” (2005), uma homenagem à Paróquia Coração de Maria e “O Pneu Furou” (2006), na orla da praia (ciclovia); foram realizadas por meio da Lei Rouanet. “Monumento 10 km Tribuna FM” (2006) feita na vigésima primeira edição da prova, como uma

homenagem da cidade de Santos aos milhares de atletas que fizeram deste evento uma referência internacional no pedestrianismo.

Na Itália, Mota possui outras duas obras: “O Vento”, instalada nos jardins da Italdesign, do estilista Giorgetto Giugiaro, e a outra, “O Pneu Furou”, a original da que temos aqui na ciclovia, está no Museo di Arte Contemporanea di Maglione. (MOTA, 2014)

As experiências adquiridas na Itália deram ao artista condições de atuar em várias áreas. Estudou várias técnicas e trabalhou muito em parceria com outros artistas. E desta forma, Mota tornou-se monitor de alunos em uma fundação de arte em Vèrres, no Vale D'Aosta, no norte da Itália. Atuou como cenógrafo na Escola de Samba União Imperial, aqui em Santos e em outra, na cidade de Torino, Itália, com um grande cenário dentro do museu de brinquedos de Torino. (MOTA, 2014)

3.3.1.5 Nice Lopes⁸ (1970)

Ilustradora, artista plástica e publicitária, nascida em Santos, em 19 de setembro de 1970. Morou em Cubatão até os 20 e poucos anos e anos mais tarde, retornou a sua cidade natal e construiu seu espaço nas artes da Baixada Santista.

Suas influências mais marcantes de sua vida foram Edgar Allan Poe (1809-1849) e Tim Burton (1958). Aos 10 anos, teve a oportunidade de ler a biografia de Poe, pois seu pai que havia recém-adquirido uma dessas enciclopédias vendidas de porta em porta. (LOPES, 2014)

Ao ler a história de vida de Poe, Nice deparou-se com um homem melancólico, especial e incompreendido, como ela se sentia naquela tenra idade, e isso a deixou profundamente impressionada. Mas, somente na adolescência, ela reencontra Poe, por meio de uma dedicada professora de inglês que trazia para a sala de aula fitas com contos como “The Black Cat”,

⁸ Foram utilizados como fonte de pesquisa os sites: <http://www.cubatao.sp.gov.br/noticia/7690-artista-cubatense-nice-lopes-expoe-suas-ilustracoes-ate-outubro/> e <http://www.nicelopes.com/sobre-mim>.

"The Cask of Amontillado", "The Mask of the Red Death", narrados por Vincent Price. (LOPES, 2014)

Nesta mesma época, assistiu ao filme "Edward – Mão de Tesoura" (1990), e assim teve seu primeiro contato com a obra de Tim Burton. Guardava tudo, toda a influência, com vergonha de mostrar seu lado melancólico, o lirismo, a fantasia, parecendo ocultar este aspecto até de si própria. (LOPES, 2014)

A artista possui ilustrações publicadas na *Revista Claudia*, da Editora Abril, em dois grandes livros de ilustração: *Illustration Now! 2* e *Illustration Now Portraits*, ambos da Editora Taschen, e no jornal nova-iorquino *The Wall Street Journal* e, e desenhou estampas para a grife infanto-juvenil *Bicho Comeu*. Já ilustrou livros infanto-juvenis como "As aventuras de Firmina Dalva e seus amigos", de Érika Freire, e "A Nuvem Vermelha", de Mô Amorim entre outros. (LOPES, 2013)

Nice Lopes intitula seu último projeto com o termo "Bem-vindo ao meu novo-velho mundo", a tradução da tentativa de esconder quem realmente é. Explicando que o "novo" é para quem ainda não conhece seu lado "dark side" e "velho" por que ele sempre esteve presente. (LOPES, 2014)

Seu último projeto foi o livro de sua autoria e ilustração "Sebastião", lançado em 2017.

Está prestes a reinaugurar, em abril de 2018, o seu espaço ateliê "La Casita", em conjunto com seu marido, o artista plástico Gabriel Montenegro, situada em Santos. A artista declara que além de contar com exposições de sua autoria e itinerantes, o espaço também oferecerá cursos e oficinas de desenho e ilustração, assim como venda de suas ilustrações em objetos e livros, porém acredita que com o novo espaço virão parcerias novas.

3.3.1.6 Leandro Shesko⁹ (1985)

Ressaltando também na atualidade o artista/designer e grafiteiro Leandro Shesko (1985), que possui obras espalhadas a céu aberto pela

⁹ Foi utilizado como fonte de pesquisa os sites: <https://www.ideafixa.com/post/neo-renascimento-um-despertar-urbano>; <https://www.leandrosthesko.com/about> e <http://www.santos.sp.gov.br/?q=content/mureta-de-shesko-explora-grafite-e-quadrinhos>

cidade. Nascido e criado em Santos, no litoral de São Paulo, abarcou-se na arte urbana na década de 90. O desenho o acompanha desde a infância, influenciado por histórias em quadrinhos, desenhos animados e vídeo game. Conduziu naturalmente sua criatividade para o grafite, estilizando letras com desenhos. Através de seu contato com o design gráfico e a ilustração, desenvolveu uma linguagem característica em suas criações. (SHESKO, 2018)

"A arte urbana surgiu naturalmente na junção entre a minha ligação com o desenho, que trago desde a infância, o contato com as ruas através do skate, a rebeldia de adolescente e a posterior paixão pela técnica." (SHESKO, 2015)

O trabalho mais reconhecido do artista foi realizado em algumas lixeiras de um restaurante de Santos, que estampam as imagens de um porco e de um sapo comendo uma mosca. Esclarece o artista:

Aquilo não foi bem uma iniciativa minha, mas um convite de um cliente. Por mim, vários locais seriam cobertos de arte, porém é muita burocracia para autorização e pouco apoio na realização. Não é todo mundo que ousa aderindo a uma arte desse tipo. Geralmente as pessoas gostam do resultado. (SHESKO, 2015)

Com seu trabalho amplamente reconhecido na região da Baixada Santista, o artista espalhou suas obras em vários estados brasileiros como Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e na Europa em países como a Itália, Alemanha e Bélgica. (SHESKO, 2018)

Tratando diretamente com clientes e também em parceria com outros artistas, junto a estúdios de arquitetura, agências de publicidade, produtoras e projetos culturais, desenvolve trabalhos corporativos e residenciais, atuando eventualmente como arte-educador. Transpõe naturalmente toda sua criatividade para o grafite, criou uma linguagem única e característica nas suas pinturas. Juntamente com a artista Andressa Sirius, forma o duo LA. (SHESKO, 2018)

Em 2015, Shesko vira notícia, por conta de seus trabalhos, ao colorir os ambientes cinzas do município. Chama a atenção de moradores e internautas pelas redes sociais com o seu trabalho artístico nas lixeiras e em muros da cidade, distribuídos em vários bairros, obras que viraram atração.

Sua ultima produção na cidade constituiu na participação no projeto Muretas na Cidade, customizando uma das muretas, que ficou exposta nos jardins da praia e virou mais uma atração na orla. (SHESKO, 2016)

O artista participou da primeira e da segunda edição do projeto citado, que foi sucesso no ano de 2015 e 2016, sendo o único artista a participar das duas edições. O projeto, idealizado pelo designer e cenógrafo Mauriomar Cid (1960), contou com grandes apoios institucionais e parcerias como a Setur (Secretaria de Turismo), restaurante Hiná Fish e Lounge e da Cervejaria Burgman. (SHESKO, 2016)

O artista mostra sua técnica e sensibilidade ao customizar uma destas esculturas e comenta que “*a mureta é igualzinha ao símbolo do Lanterna Verde, um super-herói das histórias em quadrinhos*”, mostrando-se orgulhoso e feliz por conseguir imprimir, as particularidades do grafite e HQ de que traz como referências de sua infância e a intitula de *Bandido da Lanterna Verde*, na peça exposta no jardim da praia. (SHESKO, 2016)

Em 2016, participa da Residência Artística Espírito Mundo/Le Parallel em Brussels na Bélgica e também da Residência Artística Espírito Mundo em Salerno na Itália. No ano de 2017, participa do “Festival Concreto” em Fortaleza – CE/Brasil, e realiza o Mural da Educação na cidade de Praia Grande - SP / Brasil).

Iniciou, em 2018, o projeto “Universo Paralelo” na cidade de Ituberá - BA / Brasil, e segue com novos projetos e parcerias.

3.4 Planejamento

UNIDADES DE ENSINO	MÊS
<p>1 Sensibilizar quanto à Contextualização das linguagens da Arte, a criatividade e a reconhecer as práticas que se aproximem da realidade, do perfil e gostos dos alunos da EJA.</p> <p>Diversificar Práticas Docentes no âmbito de ampliar o repertório do aluno quanto aos Elementos Básicos das artes visuais: Classificação das cores. Primárias e secundárias. Classificação das linhas e formas. Texturas. OBS.: É interessante nas aulas com cores, o aluno ir se descobrindo por meio de seus traços, sem referências visuais.</p>	Fevereiro Março
<p>2 Roda de conversa sobre a Baixada Santista, a visão dos alunos sobre a Arte no seu cotidiano e do que mais gostam ou se identificam na cidade. Este é o momento de iniciar a interdisciplinaridade, pois além de trabalhar com a fala dos alunos, poderá interagir com outras disciplinas, quanto ao fator histórico, interpretação do Hino Santos Poema.</p> <p>Desenvolvimento do processo criativo por meio de ilustração do Hino da cidade. (Sugestão de técnica: Recorte e colagem)</p>	Março
<p>3 Explorar o conceito com imagens conforme a Proposta Triangular (História da Arte, Fruição e o Fazer Artístico) e como sugestão de prática de leitura com as imagens utilizar a abordagem de Michael Parsons e no fazer artístico a Releitura de Obras conforme as autores Buoro e Pillar instruem. Explanar as inspirações e referências, assim como as biografias dos artistas que serão trabalhados em cada ciclo.</p>	Abril
<p>4 Construção da Identidade artística do aluno - Produção das biografias (escrita – pode ser interdisciplinar com a professora de português) e autorretrato dos alunos (técnica a escolha deles).</p>	Maio
<p>5 Vivenciando a Arte na cidade, planejar uma visitação em uma exposição de Arte nos Museus da cidade. (Pinacoteca, Museu do Café, entre outros)</p> <p>Organização para Mostra Cultural.</p>	Junho
<p>6 Mostra Cultural da EJA “Releituras da vida”</p>	Julho

3.5 Plano de Ação

Sugere ideias que possam auxiliar o professor de arte nas práticas em sala de aula, no percurso de tornar o aluno mais criativo na vida escolar e identificar a arte em seu cotidiano.

A proposta de interação entre professor/aluno traz a finalidade de desenvolver um olhar mais criativo, para propiciar o contato com a arte de forma prazerosa e marcante na vida deste aluno. Assim, buscar histórias de sucesso junto aos artistas representantes da Baixada Santista é uma estratégia para que o professor consiga desenvolver uma troca, ou seja, uma relação interdisciplinar com este aluno, possibilitando sua vivência tanto em relação à arte que o cerca, quanto à realidade vivida pelo artista.

3.5.1 Etapas desenvolvidas por Bimestre

3.5.1.1 – 1º Bimestre/ 1º Semestre

CONTEÚDOS E CLASSIFICAÇÃO DOS CICLOS					
Ciclo I	Ciclo II T1	Ciclo II T2	Ciclo II T3	Ciclo II T4	Ciclos I e II
1º Bimestre/ 1º Semestre					
Mês	Conteúdo		Tempo/ aulas Ciclos		
Fevereiro	Ementa: O professor sensibiliza o aluno quanto à importância da Contextualização das linguagens que direcionam o componente de Arte, revela a importância da arte no cotidiano e assim reconhece o perfil da turma, assim como seus gostos e identifica Práticas Docentes que se aproximem da realidade desses alunos. Os elementos básicos das artes visuais serão apresentados e assim se iniciará o convívio visual com as artes na vida escolar do aluno e terá contato com termos artísticos como Desenho Figurativo, Abstrato, Produção artística, Rascunhos, classificação das cores, entre outros.				
	* Ambientação, apresentação da pesquisa quanto às propostas que serão desenvolvidas. Dinâmicas com técnicas de desenho em grupo.		1 aula		
	* Contextualização das linguagens da Arte.		1 aula		
	* Explicar o conceito Figurativo.		1 aula		

	<p>* Elementos básicos das artes visuais: Classificação das cores (cores primárias e secundárias/ quentes e frias). Propor um desenho figurativo.</p> <p>Dicas: Somente a partir das cores secundárias, sugerir temáticas (caso o aluno possua bloqueio em criar), deixar sempre o aluno livre em sua produção.</p> <p>Obs.: Na produção com as cores, deixar o aluno explorar os diversos materiais (lápis de cor, tintas, giz de cera), assim ele vai conhecendo as misturas e o material com que mais se identifica.</p>	4 aulas
Março	<p>Ementa: Neste momento o professor reconhece a bagagem artística trazida por seus alunos, pois os mesmos irão explanar todo seu conhecimento artístico sobre a Baixada e conhecer o Hino Poema de Santos; e assim o conceito de inspirações irá conduzir uma ilustração feita por eles, com recorte e colagem (revistas, jornais, impressos). E também iniciam contato com o termo <i>abstração</i>, conhecendo artistas que foram consagrados na utilização da prática, por meio das linhas e formas.</p> <p>* Roda de conversa sobre a Baixada Santista, a visão dos alunos sobre a cidade de Santos, o que conhecem e do que mais gostam da cidade.</p> <p>* Desenvolvimento do processo criativo por meio do hino da cidade “Santos Poema”. Biografia dos autores. Roda de conversa para entender as inspirações para o processo criativo.</p> <p>Mostrar, se possível, o vídeo sobre o hino, realizado pela prefeitura, em que mostra as belezas da cidade.</p> <p>* Propor uma ilustração do hino, distribuir cópias impressas do hino para os alunos e promover a escuta sonora. Deixá-los livres para escolher o material para desenho, recorte e colagem. Separar a ilustração por estrofes, propor uma produção em grupo para compor o livro de ilustrações.</p>	4 a 6 aulas
	<p>* Explicar o conceito de <i>Releitura de Obras</i>. Se possível, pegar inspirações e referências dos artistas que serão trabalhados.</p> <p>* Elementos básicos das artes visuais: classificação das linhas, formas geométricas e orgânicas.</p> <p>Propor dois desenhos abstratos: um com caneta esferográfica e lápis de cor, e outro com recorte e colagem. Artistas sugeridos: Mondrian; Kandinsky e Matisse.</p>	2 a 4 aulas

ABRIL	Ementa: Neste momento, inicia-se a apresentação da biografia e contato com as obras dos artistas que fizeram e/ou fazem parte da história da Baixada Santista, com sugestão de atividade com releitura de obras como auxiliar no desenvolvimento do processo criativo.	
	Relembrar o conceito de <i>Releitura de Obras</i> , se possível, utilizar as obras que serão guias para inspirações e referências quanto à técnica utilizada pelo artista. Foram definidos diferentes artistas para cada CICLO, conforme técnica destinada a cada Termo.	1 aula
	Biografia e obras de Alfredo Volpi - CICLO I T1/T2 Explicar o conceito de arte abstrata e figurativa por meio das obras do artista, explorando o universo de suas obras com bandeiras e fachadas.	4 a 6 aulas
	Biografia e obras de Benedito Calixto CICLO I T3/T4 Desenvolver a releitura de obras com a técnica utilizada pelo artista, na qual ele foi precursor aqui no Brasil ao utilizar a fotografia como suporte para observar e desenvolver suas pinturas. Os alunos irão escolher locais favoritos na cidade e, assim, tirar uma foto e fazer um desenho com a técnica e materiais a sua escolha.	4 a 6 aulas
	Biografia e obras de Mário Gruber – CICLO II – T1 Apresentar a técnica da gravura, por meio das obras do artista. Percorrer os recursos e os processos criativos do artista. Utilizar materiais alternativos na produção com alunos. Exemplo: prato de isopor.	4 a 6 aulas
	Biografia e obras de Rica Mota – CICLO T2 Desenvolver o entendimento do conceito tridimensional. Propor aos alunos a releitura de uma das esculturas do artista que estão espalhadas pela cidade. Confecção com papelão, recorte, colagem, pintura, trabalhando com a tridimensionalidade.	4 a 6 aulas

	<p>Biografia e obras de Nice Lopes – CICLO II T4</p> <p>Analisar o imaginário apresentado pela artista na criação de seus personagens. Produzir um personagem, criando uma breve história sobre dele (por meio de maquete, HQ ou teatro de fantoches).</p>	4 a 6 aulas
	<p>Biografia e obras de Leandro Shesko – CICLO II T4</p> <p>Produzir painéis com papel craft ou cartolina, por meio de estêncil e tinta (aplicação com rolo de espuma ou spray). Com a temática da Baixada Santista, os alunos irão definir o que eles acham que representa a cidade de Santos e, após isso, estilizar a forma para aplicação do estêncil.</p>	4 a 6 aulas

3.5.1.2 – 2º Bimestre/ 1º Semestre

	Ciclo I	Ciclo II T1	Ciclo II T2	Ciclo II T3	Ciclo II T4	Ciclos I e II
	2º Bimestre/ 1º Semestre					
MAIO			Ementa: Criação da autobiografia e autorretrato dos alunos, com a técnica escolhida por ele, revelando-o como parte integrante da unidade escolar e da comunidade. Possibilitar a identificação do aluno como criador de sua própria Arte e de sua própria história.			
			Término das produções em Releitura caso seja necessário		2 aulas	
		Produção das biografias / autorretrato dos alunos.				6 a 8 aulas
		Neste momento, poderá ser desenvolvida uma produção interdisciplinar, com o auxílio da professora de português, para a escrita da biografia/história de vida dos alunos.				
		Produção dos autorretratos será desenvolvida por meio de fotografia fornecida pelo aluno. O professor de arte irá tirar uma cópia da foto em formato A4, e com ela, o aluno irá definir como será sua produção. Dica: Poderá ser por recorte e colagem; pintura com tinta guache. O aluno irá definir a técnica com que mais se identificou.				

	<p>Ementa: Promover aos alunos a vivência artística no museu de forma, para que o mesmo tenha contato direto com outras obras de arte. Terá como objetivo o entendimento da questão da disposição delas e a organização de um museu, possibilitando a identificação do aluno como produtor/mediador da arte, tendo o professor como curador, na Mostra Cultural realizada na escola.</p>	
JUNHO	<p>Planejar uma visitação à Pinacoteca/ Museu do Café ou Sesc</p> <p>Para que os alunos tenham contato com obras de outros artistas e conheçam a organização de uma exposição de arte.</p>	2 aulas
	<p>Organização para Mostra Cultural</p> <p>Explicar para os alunos como é realizada uma exposição. Solicitar auxílio da professora de informática para acessar museu virtual, para que eles possam ter a visão da disposição das obras e suas referências.</p>	2 aulas
	<p>Confecção das molduras para as produções, desde o livro de ilustração do Hino Santos Poema, as releituras de obras e o autorretrato dos alunos, assim como confecção das etiquetas com dados sobre a produção.</p> <p>A cada aula, organizar moldura e etiqueta das três produções.</p>	4 aulas
JULHO	<p>Ementa: Com o intuito de troca de experiências a abordagem propõe, ao fim do bimestre/semestre, a implantação da Mostra Artística e Cultural com alunos da EJA, na unidade de ensino; e assim o debate com as apresentações dos resultados obtidos durante o semestre.</p>	
	<p>Término da confecção das molduras e ajustes finais para montagem da exposição.</p>	2 aulas
	<p>Mostra Cultural da EJA - “Releituras da vida”</p> <p>Organização e exposição na unidade escolar.</p> <p>Caso os alunos e o professor queiram, poderá ser promovida a noite de autógrafos, com as produções realizadas pelos alunos durante o semestre.</p>	2 aulas

Assim, o projeto poderá permear tanto no CICLO I quanto no CICLO II, até porque abrangerá uma área na qual, ambos os ciclos estarão aptos a desenvolverem sua capacidade criativa. Para isso, será necessário que o professor utilize uma técnica específica a cada CICLO, como seguem as sugestões. Podendo ser iniciado como foi sugerido no primeiro semestre ou no segundo semestre.

4 SUGESTÕES DE ATIVIDADES

4.1 Sensibilização e Contextualização sobre Arte

Antes de apresentar as linguagens artísticas existentes, questionar sobre “O que é Arte?” e anotar na lousa o que os alunos entendem de Arte, ou do que gostam. Faça placas que identifiquem as linguagens para no final organizar com eles (ARTES VISUAIS/ DANÇA/ MÚSICA/ TEATRO), baseado sobre o que eles falaram. Com cuidado, introduzir o que passou despercebido por eles, sempre valorizando a participação. Não deixe nenhuma resposta de lado, tente agregar todas.

Caso os alunos fiquem com vergonha de responder, por medo de achar que não sabem ou não conhecem, pergunte o que eles acham que seja arte. Não os deixe usar as mesmas palavras, pois eles participam mais quando são desafiados.

Conforme o retorno dos alunos, organize as respostas obtidas, separando-as de acordo com as linguagens que representam. Deixe de forma clara para que os alunos possam identificar. Faça placas com os nomes das linguagens e, ao final de suas respostas, organize as placas com eles (ARTES VISUAIS/ DANÇA/ MÚSICA/ TEATRO). Fale da sua formação, em qual linguagem se encaixa. Este é um ótimo momento para se apresentar.

4.2 – ELEMENTOS BÁSICOS DAS ARTES VISUAIS

Nas aulas, serão propostas abordagens com base nos elementos básicos da Arte (cor, ponto, linha e forma, Abstração e do Figurativo). Porém, antes de iniciar, o professor deve explicar ao aluno a diferença entre o conceito figurativo e abstrato nas artes visuais. Assim, você dará autonomia ao aluno e ocasionará a criatividade na sua vida, definindo a sua identidade a partir das escolhas feitas.

4.2.1 Cores

Explicar a classificação das cores conforme segue: primárias e secundárias; cores quentes e frias; cores complementares.

Cores primárias - Na natureza, identificamos: vermelho, amarelo e azul. Estas cores constituem a base para a mistura das demais cores. (CORES PRIMÁRIAS, 2018)

Na apresentação das cores primárias, deixar o aluno experimentar o lápis de cor.

Cores secundárias – Entender a necessidade da mistura para a existência da cor secundária: verde, laranja e roxo. Fazer a experimentação com a mistura de tinta guache para a obtenção dos resultados esperados.

Neste momento da atividade, não serão apresentadas obras de arte, apenas a identificação das cores para um melhor entendimento dos alunos. Suas produções serão pessoais, sem interferências com imagens.

Cores quentes e frias – (Frias: verde, azul e roxo; Quentes: amarelo, laranja e vermelho)

Nesta ocasião, trabalhar a sensação que cada cor provoca, associando com elementos naturais e teorias sobre as cores.

Cores complementares – (Pares complementares: amarelo-roxo; vermelho-verde; laranja-azul)

Fazer o aluno entender o conceito complementar nas cores é essencial para que ele perceba as combinações e contrastes existentes nas cores. Dica de material para essa prática giz de cera.

4.2.2 Arte abstrata e figurativa

Deixar claro para o aluno o conceito de arte abstrata e figurativa. Neste ponto, inicia-se a apresentação das formas geométricas, orgânicas e do uso das linhas. Deixe o aluno ainda livre para fazer sua própria criação. O professor irá somente apresentar as formas e as linhas, de maneira que o aluno tenha o entendimento e saiba diferenciar o figurativo do abstrato.

A figuração já é a primeira forma de desenho que os alunos conhecem, então no primeiro contato, deixe que fiquem livres para desenhar. Aos poucos, vá inserindo temas e, ao fim da atividade, utilize artistas para falar da figuração. Para isso, escolha artistas consagrados que eles possam identificar no noticiário de televisão, por exemplo, ou seja, artistas que façam sentido quando relacionados a sua história para o mundo, tais como: Anita Malfati (1889-1964);

Tarsila do Amaral (1886-1973); Lásar Segall (1891-1957); Van Gogh (1853-1890), Leonardo Da Vinci (1452-1519); Paul Cézanne (1839-1906); George Seurat (1859-1891), entre outros.

As imagens propostas nesta fase para que o aluno tenha a compreensão da abstração, poderão ser obras de abstração geométrica e formas orgânicas. Segue lista com alguns artistas que podem ser trabalhados:

Alfredo Volpi (1896-1988); Piet Mondrian (1872-1944); Wassily Kandinsky (1866-1944) e Henri Matisse (1869-1954), entre outros.

As atividades propostas poderão ser realizadas por meio de pinturas com caneta hidrográfica, lápis de cor, giz de cera, tintas e ou recorte e colagem. Conforme as propostas dos artistas apresentados, escolher o material que mais se aproxime de suas técnicas.

4.3 Ilustração - Hino “Santos Poema”

Desenvolver a interdisciplinaridade com a disciplina de português, para que os alunos consigam entender e interpretar o texto. Após a leitura e interpretação, propor a ilustração com materiais à escolha dos alunos, para que ao fim produzam um livro com ilustrações sobre a cidade de Santos, baseadas no hino.

Passe para eles o vídeo “Conheça o Hino Oficial de Santos”, pois assim, além da escuta sonora, também terão contato com as imagens que representam cada estrofe do hino.

Na hora da confecção, deixe que eles escolham entre as técnicas que desejam usar, visto que assim saberá com qual eles mais se identificam (desenho/ pintura, recorte e colagem), em grupo ou individual. Caso, a maioria escolha fazer a atividade em grupo, a dica é separar as estrofes por grupos. Se a escolha for pelo trabalho individual, o aluno deve ilustrar segundo a visão geral.

Hino da Cidade de Santos

Lei N.^º 2.608 de 30 de dezembro de 2008 - Dispõe sobre a oficialização da canção denominada “Santos Poema”, de autoria de Antônio Bruno Zwarg e

Ernesto Zwarg, como hino oficial da cidade de santos, e dá outras providências.

Vídeo: Conheça o Hino Oficial de Santos. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=DzJtAWaxI9Q>.

Santos Poema - Antônio Bruno Zwarg e Ernesto Zwarg

Santos Poema, jardins pela praia

Cidade e porto de mar

Tens a magia de barcos estranhos

Na barra esperando adentrar

Morros, varandas alegres

Suspensas no arvoredo

Santos das ruas antigas

À beira do cais que escondem segredos

Tuas paineiras floridas

Salgueiros que choram

Nos velhos canais

Santos, cuidado menina

As tuas belezas

Não percas jamais

Os flamboians florescentes

Palmeiras imperiais

Ilha Urubuqueçaba

O verde reduto

Nas ondas do mar

Oh! Santos,
És linda demais!!

4.4 Leitura e releitura de obras

Para a produção nas aulas de arte, a Proposta Triangular traz processos para o uso de imagens, delineadas de forma flexível. Evidencia-se então que a abordagem trata-se de uma proposta, baseada em três pilares: a história da arte, leitura da obra e o fazer artístico. (BARBOSA, 1998 apud RANGEL, 2012)

Ao solicitar ao aluno uma reflexão sobre a imagem que está analisando, faz-se com que ocorra uma espécie de viagem no tempo. Isso acontece devido ao fato de que quando se traça um paralelo entre seu cotidiano e a época em que a obra foi idealizada, o aluno coloca-se à frente de uma viagem sobre a história. A análise de um paralelo extremo, comparado com a realidade atual, transforma o aluno em um observador. Isso demonstra a importância de não só se observar as obras de arte, mas também de se fazer a leitura de imagens do mundo atual, tornando o indivíduo mais crítico em relação às imagens encontradas no seu contexto cotidiano.

É importante deixar claro no primeiro contato do aluno com as criações artísticas, o conceito de releitura de obras, pois quando o mesmo tiver contato com composições criativas nas demais aulas, já ficará claro o porquê da utilização das imagens.

Sobre a Releitura, Pillar (2014) afirma que há transformações, criação com base em um determinado referencial, num contexto visual, podendo estar implícito ou explícito, na sua obra final, qual foi o seu intuito principal, a criação e não uma simples reprodução de imagem.

Pillar (2014) afirma que, antes da prática de releitura, pode-se visualizar na leitura um processo de aquisição de conhecimentos por meio da percepção, interpretação de signos apreendidos na imagem. Entretanto, destaca-se que a leitura de imagens não é interpretada como uma prática rígida e inflexível, sendo uma decodificação correta e inflexível, em que se identifica uma construção de conhecimentos.

Para as aulas, com o uso de imagens de obras de Arte, será utilizada a abordagem sugerida por Michael Parsons, na qual explanou sua técnica de

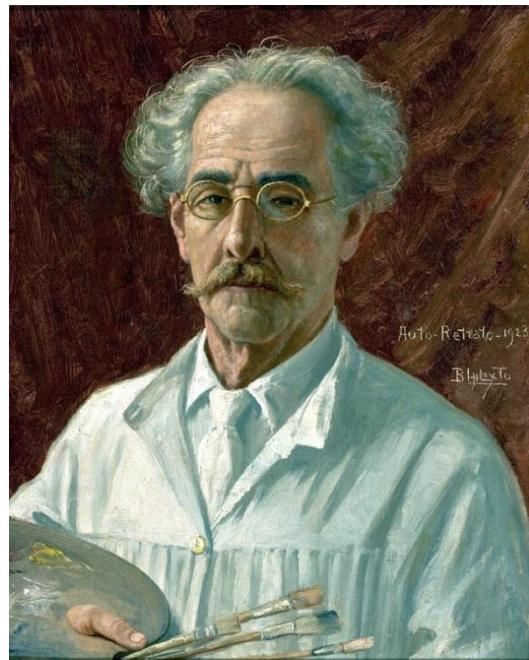
leitura de imagens com base em entrevistas para indivíduos de diferentes faixas etárias e diversificados conhecimentos artísticos. O teórico apresenta uma proposta contendo cinco estágios para o desenvolvimento do conceito de estética, acreditando que ao conhecer os estágios, o docente poderá auxiliar melhor seus alunos no momento da leitura. São eles: Primeiro Estágio – Favoritismo; Segundo Estágio – Beleza e Realismo; Terceiro Estágio – Expressão; Quarto Estágio – Estilo e Forma e Quinto Estágio – Autonomia. Conforme instruções no quadro seguinte.

Método leitura de imagem Michael Parsons	
Estágios	Desenvolvimento
Primeiro estágio – Favoritismo	Neste estágio a escolha acontece por meio do interesse em algum aspecto ou detalhe, não relacionado aos elementos da obra, mas sim com base nos elementos que se reconhece.
Segundo estágio – Beleza e realismo	Neste estágio, o aluno relaciona todas as partes e, às vezes, elabora até uma história para explicar a obra. O importante neste estágio é reconhecer o assunto, o conceito de beleza e realismo.
Terceiro estágio – Expressão	A beleza, o realismo ou a técnica perdem a importância para a ideia ou o sentimento, pois agora o que mais importa para a compreensão da obra é a intenção do artista, o que ele sentiu.
Quarto estágio – Estilo e forma	Interesse pelo estilo e organização da obra, suas características formais e a relação com a expressão pretendida.
Quinto estágio – Autonomia	Observação da obra em seu contexto social e estilístico, tentando apreender as orientações que traz para a sua experiência.

Quadro elaborado por SOUZA (2017) – Fonte: (IAVELBERG; ARSLAN, 2007)

4.5 Sugestões de obras de artistas da Baixada Santista

4.5.1 Obras figurativas – BENEDITO CALIXTO



Autorretrato Benedito Calixto (pintura em tela - 1913) (Foto: Reprodução/TV Tribuna)



Benedito Calixto
Praia José Menino e Ilha Urubuqueçaba
(pintura em tela - 1894)
Imagen: [Denise Gomes D'Oliveira Ludwig](#)

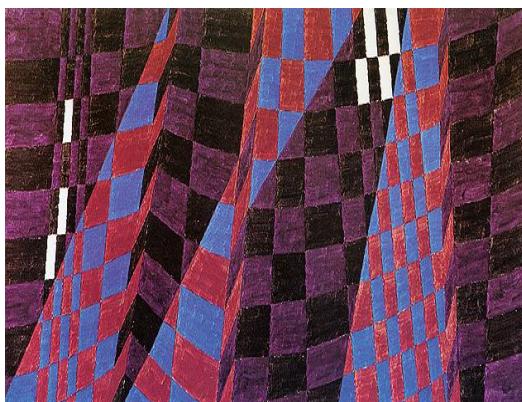


Benedito Calixto - Ponte Pênsil
(pintura em tela - 1914)
Imagen: [Denise Gomes D'Oliveira Ludwig](#)

4.5.2 Obras para trabalhar as formas abstratas – ALFREDO VOLPI



Alfredo Volpi (foto: Avani Stein/Folhapress)



Alfredo Volpi - Mastros Composição Cinética

(pintura em Têmpera - 1970)
Reprodução fotográfica: autoria desconhecida



Alfredo Volpi – Bandeirinhas
(pintura em têmpera – 1970)
Reprodução fotográfica: Romulo Fialdini

4.5.3 Obras para trabalhar gravura – Mário Gruber

Sugestão de vídeo: Arte - Mário Gruber.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fgUMc8luL_kw

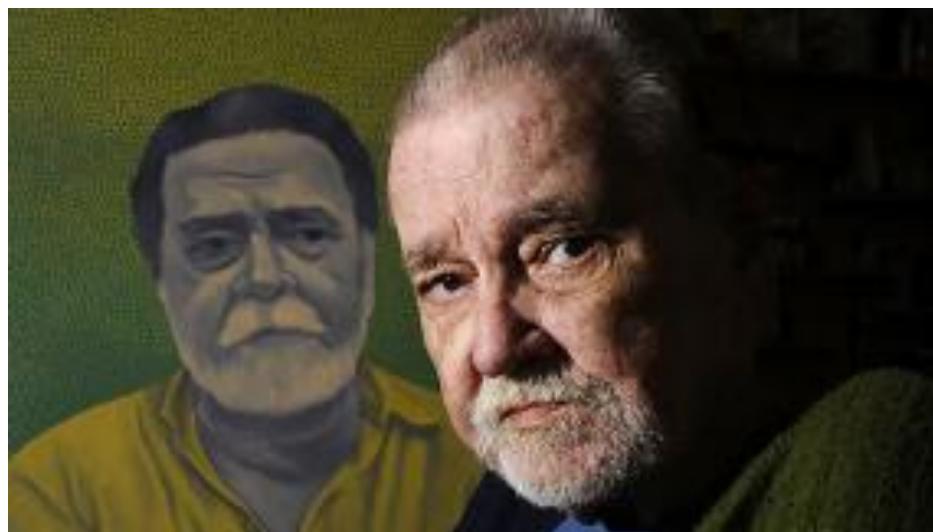
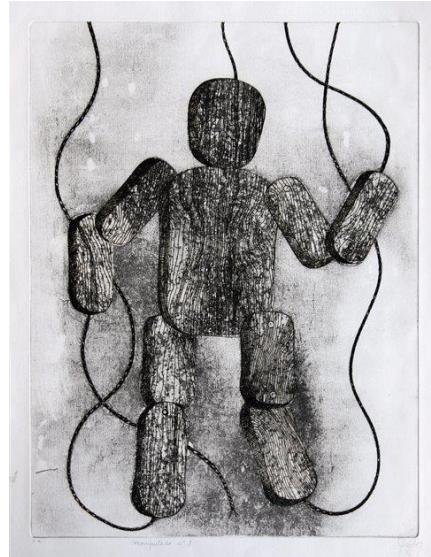


Foto do artista Mário Gruber (2013) Imagem: Emanuel von Lauenstein Massaran



Mário Gruber

(1974 - gravura em metal) Sem título
(Reprodução fotográfica: João L. Musa/ Itaú Cultural)



Manipulado nº1 - placa de zinco
45x60cm (1972)
Imagen: Mário Gruber/ internet

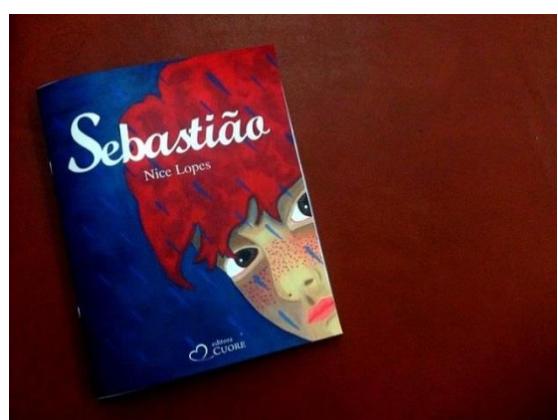
4.5.4 Obras para trabalhar ilustração/ criação de personagens - Nice Lopes



Nice Lopes (imagem da internet)



Desfile de roupas da Marca de roupas infantil Bicho Comeu, com estampas de Nice Lopes (2013) (Imagen da internet)



Livro Lançado em 2017 – Escrito e ilustrado pela autora. (Imagen da internet)

4.5.5 Obras para auxiliar o tema mural/grafite – Shesko



Leandro Shesko (2016). Projeto Muretas (Imagen da internet)



Grafite de Leandro Shesko para o 13º Festival Curta Santos (2015)
Imagen: Leandro Shesko



Lixeiras na frente de restaurante em Santos (2015)
Imagen: Leandro Shesko

4.5.6 Obras para auxiliar técnica escultura – Rica



Rica Mota e a escultura “Pneu furou” (2006) - Imagem: Enfoque Jornal e Editora Ltda.



Rica Mota - Escultura em ferro “O Peixe” (1999) Imagem: Anderson Bianchi

Rica Mota “Cuore” (2005)
Imagen: Carlos Pimentel Mendes

4.6 Atividade com autorretrato

Neste momento, o aluno será o objeto de seu trabalho, pois escreverá sua autobiografia e o professor de arte, caso queira, poderá desenvolver o tema interdisciplinar com o professor de português, pois o mesmo irá explicar para o aluno quais os caminhos possíveis para escrever sua autobiografia e fazer as devidas correções.

Na produção do autorretrato, a criatividade irá aflorar, pois o professor disponibilizará para o aluno sua imagem impressa em tamanho A4. O aluno contará com diversos materiais para auxiliar sua produção como: transferências, pinturas, colagens, entre outros. A princípio, a imagem será impressa em preto e branco e o aluno escolherá a técnica com a qual melhor se identifica para fazer sua produção.

Desta forma, o indivíduo já terá autonomia sobre os materiais favoritos, terá conhecido autorretratos de vários artistas da Baixada Santista. Assim, irá definir os materiais que utilizará em que seu o trabalho, demonstrando sua identidade artística, pois todo artista possui suas próprias características e particularidades reveladas em suas produções.

4.7 – Mostra Cultural “Releituras da Vida”

O aluno irá fazer parte da preparação da mostra cultural, criando as molduras de suas obras, organizando e etiquetando os dados como: nome da obra, artista e o ano que foi produzida.

Haverá a definição do local da mostra na unidade escolar, assim como a organização e arrumação do espaço. Propondo também uma exposição aberta ao público.

5 REFERÊNCIAS

ALFREDO Volpi. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi>>. Acesso em: 23 de Jan. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Almanaque Santista, um boletim de curiosidades do Instituto Histórico e Geográfico de Santos. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendas/h0318l1c.pdf>. Acesso em: 20 de Jan. 2018.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O ensino de arte na educação de jovens e adultos: uma análise a partir da experiência em Cuiabá (MT)**. Educação e Pesquisa, 2015, Vol.41 n.3, p. 679-694. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-s1517-97022015051839.pdf>. Acesso em: 20 de Ago. 2017.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Editora C/Arte. 1998.

_____, A. M. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. 7ª ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENEDITO Calixto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8777/benedito-calixto>>. Acesso em: 20 de Jan. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

BENEDITO CALIXTO in: Secretaria de Comunicação Social de Itanhaém, 2013. Disponível em: http://www.itanhaem.sp.gov.br/noticias/2013/outubro/Benedito_Calixto_um_dos_pintores_brasileiros_itanhaenses_nascia_ha_160_anos.html.

Acesso em: 10 de Jan. 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte.** Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5^a a 8^a série: introdução**/Secretaria de Educação Fundamental, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Trabalhando com a educação de Jovens e Adultos a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem.** Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno2.pdf. Acesso em 01/10/2017

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte.** 2^a ed. – São Paulo: Educ/ Fapesp/ Cortez, 2003.

COLI, Jorge. **O que é arte.** São Paulo: Brasiliense, 2013. (Coleção Primeiros Passos;46)

CORES Primárias. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo90/cores-primarias>>. Acesso em: 27 de Fev. 2018. Verbete da Encyclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

DELALIBERA, Aline Martinez. **O Ensino de Arte Contemporânea na Educação de Jovens e Adultos: Panorama do ensino fundamental e médio no município de Franca/SP.** FRANCA : [s.n.], 2017. 98 p. Dissertação (Mestrado Profissional – Políticas Públicas). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150743/delalibera_am_me_fran.pdf?sequence=3. Acesso em: 20 de Jan. de 2017.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Práticas interdisciplinares na escola.** São Paulo: Cortez, 2013. 13. Ed.. ver. e ampl. Vários autores. Fazenda (coordenadora)

FLEITH, Denise de Souza. Desenvolvimento da criatividade na educação fundamental: teoria, pesquisa e prática. In: WECHSLER, Solange Muglia; SOUZA, Vera Lucia Trevisan. **Criatividade e aprendizagem – Caminhos e descobertas em perspectiva internacional.** São Paulo: Ed. Loyola, 2011, cap. 2, p. 33-52.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GRUBER, Mário. Entrevista concedida a Camila Maciel. Exposição com gravuras de Mário Gruber entra em cartaz em São Paulo. 2013. Edição: Lílian Beraldo. **Agência Brasil.** Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/exposicao-com-gravuras-de-mario-gruber-entra-em-cartaz-em-sao-paulo>

GRUBER. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. **Mário Gruber.** São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10118/mario-gruber>>. Acesso em: 20 de Fev. 2018. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LOPES. In: Prefeitura Municipal de Cubatão. **Artista cubatense Nice Lopes expõe suas ilustrações.** 2013. Disponível em: <http://www.cubatao.sp.gov.br/noticia/7690-artista-cubatense-nice-lopes-expoe-suas-ilustracoes-ate-outubro/>. Acesso em 07 de Fev. de 2018.

LOPES. In: Nice Lopes, **Bem-vindo ao meu "novo-velho" mundo!**, 2014. Disponível em: <http://www.nicelopes.com/sobre-mim>. Acesso em: 07 de Fev. de 2018.

MOTA, Rica. **Bate papo com Rica Mota.** Coluna Giro, Santos. 2014. Disponível em: <http://www.boqnews.com/author/denisecovas/>. Acesso em 21 de Jan. de 2018. Entrevista concedida a Denise Covas.

MOTA, Rica. **Rica Mota e um marco para Santos:** a escultura o Peixe. 2011. Disponível em: <https://www.juicysantos.com.br/cultura-e-eventos/arte/rica-mota-e-um-marco-para-santos-a-escultura-o-peixe/>. Entrevista concedida a Ludmilla Rossi. Acesso em 21 de Jan. de 2018.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 24^a ed. Petrópolis, Vozes, 2009.

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes.** 8^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

PMS. **Lei orgânica do município de Santos.** 2017. Disponível em: <https://egov.santos.sp.gov.br/legis/> - Acessado em 20/08/2017.

PMS. **Plano municipal de educação do município de Santos.** 2015. Disponível em: <https://egov.santos.sp.gov.br/legis/> - Acessado em 20/08/2017.

PINACOTECA Benedicto Calixto (Santos, SP). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao283218/pinacoteca-benedicto-calixto-santos-sp>>. Acesso em: 27 de Jan. 2018. Verbete da Enciclopédia.

PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino das artes.** 8^a ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

RANGEL, Valeska Bernardo. **Releitura não é cópia: refletindo uma das possibilidades do fazer artístico.** Revista Nupeart - UDESC, 2012. Disponível em: <http://periodicos.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/2534>

SANTOS POEMA. **Conheça o Hino Oficial de Santos.** Prefeitura de Santos. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzJtAWaxI9Q>. Acesso em: 20 DE Jan. 2018.

SANTOS POEMA. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/santos/lei-ordinaria/2008/261/2608/lei-ordinaria-n-2608-2008-dispoe-sobre-a-oficializacao-da-cancao-denominada-santos-poema-de-autoria-de-antonio-bruno-zwarg-e-ernesto-zwarg-como-hino-oficial-da-cidade-de-santos-e-das-outras-providencias>. Acesso em: 20 de Jan. 2018.

SHESKO. In: LG RODRIGUES. **Artista cria 'monstros' e transforma a paisagem de ruas de Santos**, SP. 2015a. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2015/03/artista-cria-monstros-e-transforma-paisagem-de-ruas-de-santos-sp.html>. Acesso em: 25 de Fev. 2018.

SHESKO. In Secretaria de cultura. **Mureta de Shesko explora grafite e quadrinhos**. 2015b. Disponível em: <http://www.turismosantos.com.br/?q=pt-br/node/5726>. Acesso em: 25 de Fev. de 2018.

SHESKO, Leandro. Entrevista concedida a **Ideafixa**, 2016. Disponível em: <https://www.ideafixa.com/post/neo-renascimento-um-despertar-urbano>. Acesso em: 28 de Jan. 2018.

SHESKO, Leandro. In: Shesko, 2017. Disponível em: <https://www.leandrosthesko.com/about>

TÊMPERA . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018.
Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3846/tempera>>. Acesso em: 10 de Jan. 2018. Verbete da Enciclopédia.ISBN: 978-85-7979-060-7

WECHSLER, Solange Muglia; NAKANO, Tatiana de Cássia. Criatividade: encontrando soluções para os desafios educacionais. In: WECHSLER, Solange Muglia; SOUZA, Vera Lucia Trevisan (Org). **Criatividade e aprendizagem – Caminhos e descobertas em perspectiva internacional**. São Paulo: Ed. Loyola, 2011, cap. 1, p.11-32.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.